

7
6
5
4
3
2
1

DAQUI
PRA
BAIXO

JASON
REYNOLDS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a Obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.com](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Daqui pra baixo

Jason Reynolds

Tradução de Ana Guadalupe



Copyright © 2017 by Jason Reynolds

Publicado por Atheneum, um selo de Simon & Schuster Children's Publishing
Division

Publicado mediante acordo com Pippin Properties, Inc. através de Rights
People, Londres

TÍTULO ORIGINAL

Long Way Down

REVISÃO

André Marinho

Luiz Felipe Fonseca

IMAGENS DE CAPA

© 2017 by Getty Images

ARTE DE CAPA

Michael McCartney

ADAPTAÇÃO

Julio Moreira | Equatorium Design

REVISÃO DE E-BOOK

Carolina Vaz

GERAÇÃO DE E-BOOK

Intrínseca

E-ISBN

978-85-510-0499-9

Edição digital: 2019

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br



intrinseca.com.br

SUMÁRIO

[\[Avançar para o início do texto\]](#)

Folha de rosto

Créditos

Mídias sociais

Dedicatória

Início

Ninguém acredita

Meu nome é

Sou só William

Eu não conheço você,

A tristeza

É tão difícil dizer

Antes de ontem,

E aí vieram os tiros.

Depois dos tiros

Eu nunca vi

Coisas que sempre acontecem quando matam alguém por aqui

Nº 1: Gritos

E a minha mãe

Nº 2: Sirenes

Nº 3: Perguntas

Pra quem não tá ligado,

Não sei direito
Quando dá ruim
Fiquei ali parado,
Pensamento aleatório
Na mão dele,
Dentro da sacola,
Talvez uma coisa invisível
Problema
E aí a fita amarela
De volta ao oitavo andar
Senti vontade de chorar,
As regras
 Nº 1: Chorar
 Nº 2: Dedurar alguém
 Nº 3: Se vingar
A invenção das regras
Só mais uma coisa sobre as regras
Nosso quarto: um quadrado, tinta meio amarela
Anagrama
A gaveta do meio
Não vou fingir que o Shawn
Minha mãe sempre dizia
Então quase sempre
Mas nunca mexi em nada
Antes era diferente.
E quando eu fiz treze
O Shawn achou isso
Agora o perfume

De repente
A gaveta do meio me encarou,
Apelido
O que me lembra do Carlson Riggs
Diziam que o Riggs
O Riggs e o Shawn eram meio que amigos, mas
Salto mortal
Por que eu achava (sabia) que o Riggs tinha matado o Shawn

Nº 1: Área

Nº 1.1: Técnicas de sobrevivência (para leigos)

Nº 2: Programas de crime

Nº 3: ...

Nunca tinha segurado uma arma.

Um barulho no corredor

O sono

Acordei

Mas também me senti culpado

Coloquei os dedos

No espelho

Enfiei o cano

O plano

Na cozinha

A luz amarela

No elevador

7

Uma coisa bizarra

Um cara entrou,

T queria dizer “trouxa”
É esquisito
Já vi meninas
Te conheço?
Meu estômago saltou
Esfreguei os olhos
É
Fiz de tudo pra acordar.
Já sei o que você tá pensando.
Mas não tem motivo.
Retiro o que disse.
Anagrama N° 1
Ainda meio sem ar, perguntei,
Minha resposta
Passei a mão nas costas
Pensei em passar a arma
Eu me lembro
Sorte que eu achei,
O elevador chiava
Acho que ele não me ouviu
Relaxa?!
O Buck deu risada, e
Tem uma coisa pra fazer?
Ele perguntou
Me dá isso aí
Ele apontou a arma.
Finalmente o buck soltou

6

Não tive nem um segundo
Uma garota entrou.
Ela olhou e viu
Eu não sabia
Ela conseguia ver
A essa altura
Cheguei perto,
Ela encostou a mão na minha
Mas no elevador tinha um fantasma
Fora
Ela perguntou
O próximo diálogo foi fácil.
Mas aí
Não vou mentir.
De onde?
Que engraçado,
Ela abriu a bolsa,
Eu e minha amiga Dani
Lembra disso?
Arregalei os olhos.
Sim, eu me lembro.
Tiros
Que vontade de vomitar,
Contei pra Dani
Juro que tem horas
Quando disseram
O que senti

Anagrama Nº 2
Que maneira
Pra que você precisa
Minha cara
Mataram a Dani
Aí a Dani perguntou,
Mas
A Dani ficou chateada.
Olhei de novo pro Buck
O Buck disse

5

O elevador,
Fumaça de cigarro
Eu abanei e tossi,
Dei um passo pra trás
Duas mãos enormes,
Aí, num movimento veloz
Ao fundo eu ouvia uma risada
Quando finalmente me soltaram,
Que porra é essa?
Você vai pegar o quê
O que não falta
Tio Mark?
Minha mãe me contou duas histórias sobre o Tio Mark.

Nº 1

Seleção de elenco do filme mais bobo e mais lixo do mundo

O Tio Mark me puxou

E quer saber

O que você tá fazendo aqui?

Com a mão

A pergunta certa,

Pensamento aleatório N° 2

Anagrama N° 3

Como assim?

Como assim?

Tá, tá,

Mas pra me explicar

O Tio Mark bufou

O Tio Mark fechou a boca com força

A cena

Travei

Mas ele não falou (a cena, continuação)

Minha boca

A cena (final)

Só pra constar,

História N° 2 sobre o Tio Mark

O plano dele

Certeza

Ele pegou aquela esquina

Esse cara tirou a esquina

O Tio Mark devia

Anagrama N° 4

Pensamento aleatório N° 3

E enfim, depois que eu disse

Enquanto isso,
E depois, o que rola nesse filme?

4

Dessa vez
E lá estava ele
Meu pai
Será que dá
Meu pai se afastou,
Não tenho lembranças
Um coração partido
Mas não era isso que o Shawn contava.
Eu sempre perguntava
Oi, Will.
Tá tudo bem?
Eu queria desabafar,
Já sei de tudo,
Enxuguei o rosto
O que você acha que deve fazer?
O papai lançou um olhar
Quando o Mark foi baleado
Essa coisa
Meu pai disse
Quando cheguei em casa
Mas você fez o que tinha que fazer
O Tio Mark e o meu pai
Você não matou o Gee?
Apoiei

Pensamento aleatório N° 4
Daí meu pai tomou a iniciativa.
E foi aí que aconteceu.
Eu pirei.
Eu gritei
Meu pai ficou em cima de mim,
Você deve achar
Minha barriga
Uma coisa quente
Daí meu pai desarmou o gatilho,
Dei um grito,
E como nos velhos tempos

3

Um desconhecido,
Então achei
O branquelo parrudo
O cara se virou.
Essa é
Antes que o Frick falasse
De onde conheço ele?
Peraí.
Você entendeu.
O verdadeiro nome do Buck
O Buck tinha dois lados.
Todo mundo dizia
Mas ele nem sempre foi assim.
Voltando ao Frick.

Ele nunca falava disso,
O Shawn não falou nada
Olha, vou te contar,
Que burrice
Não sei direito o nome dele,
Ele foi falando do cara,
Já que o Shawn
Como entrar pros filhos da noite
Me passaram
Gângsteres
O Frick disse que
O Buck disse
Tanto faz, cara,
O Buck escondeu
De novo
Na verdade
Me tiraram do jogo
O Frick abriu a camisa.
Quando a piada acabou
Falar, como o Tony fez,
Deixa eu te perguntar uma coisa,
Anagrama N° 5
O Frick me olhou
O Frick andava

2

Quando a porta se abriu
Vai logo,

O Tio Mark deu uma risadinha.
Finalmente
Ele.
Todo mundo
Todos
Quando a gente era pequeno
Olhei pro Shawn.
Cheguei mais perto,
Perguntei
Falei pra ele
Expliquei
Confessei
As regras são as regras
Eu tava surtando.
Olhei pro Shawn de novo,
E apesar de
E tinha um barulho
Pensamento aleatório N° 5
Teve um momento
Olhei em volta
Quero vazar.

Fim

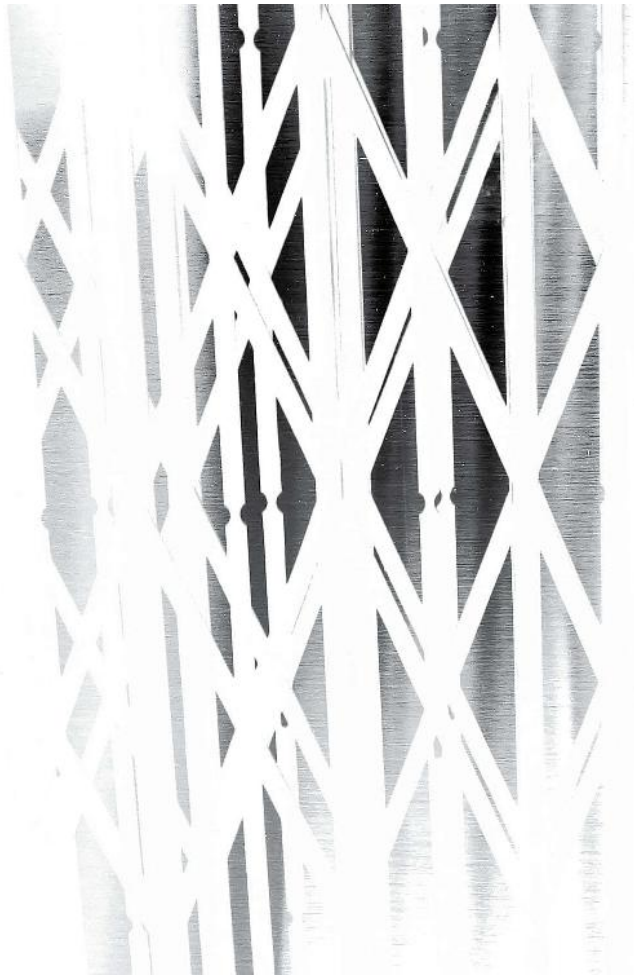
Agradecimentos

Sobre o autor

Conheça outro título do autor

Leia também

Para todos os irmãos e irmãs nos centros de detenção no país inteiro, aqueles que conheci e aqueles que nunca vi.
Vocês são amados.



NINGUÉM ACREDITA

em mais nada
hoje em dia

por isso mesmo não contei
a história pra ninguém
mas vou contar pra você.

E pensando bem,
já sei que você nem
vai botar fé também
vai achar que é mentira
ou que é loucura,
mas na boa,

essa história é real.

Aconteceu comigo.
Sério.

Aconteceu.

Aconteceu *mesmo*.

MEU NOME É

Will.

William.

William Holloman.

Mas pros amigos
e as pessoas
que me conhecem
de verdade,

é Will mesmo.

Então me chama de Will,
porque depois que eu contar
o que vou te contar

ou você vai
querer ser meu amigo
ou não vai
querer ser meu amigo
nunca mais.

Tanto faz.

Você vai me conhecer
de verdade.

SOU SÓ WILLIAM

pra minha mãe
e pro meu irmão, o Shawn,
quando ele resolvia
zoar com a minha cara.

Agora
eu queria ter
dado mais risada
de cada piada idiota,

porque antes de ontem,
foi esse o dia,
o Shawn levou um tiro

e morreu.

EU NÃO CONHEÇO VOCÊ,

não sei

o seu sobrenome,

se você tem

irmãos

ou irmãs

ou mães

ou pais

ou primos

que são tipo

irmãos

e irmãs

e tias

e tios

que são tipo

mães

e pais,

mas se o sangue

dentro de você corre dentro

de outra pessoa,

você nunca vai querer

ver esse sangue correr

fora deles.

A TRISTEZA

é tão difícil
de explicar.

Imagina acordar
e uma pessoa,
um estranho,

te amarrou inteiro
e enfiou um alicate
na sua boca,
agarra um dente

lá do fundo,
daqueles grandes,
bem importantes,

e arranca com tudo.

Imagina a pancada
na sua cabeça,
a pressão pulsando
nas suas orelhas,
a poça de sangue.

Mas a pior parte,
a pior parte de verdade,

é a língua escorregando
o tempo todo
nesse novo espaço vazio,

em que você sabe

que era pra ter dente

mas não tem mais.

É TÃO DIFÍCIL DIZER

que o Shawn
morreu.

 O Shawn
morreu.

 O Shawn
morreu.

Estranho demais.
Triste demais.

Mas acho que
não tão inesperado,
o que acaba sendo
ainda mais estranho,

e ainda mais triste.

ANTES DE ONTEM,

eu e o meu amigo Tony
ficamos lá fora falando
que a gente já tinha quinze
e não ia crescer mais.

Quando o Shawn fez quinze,
ele ainda cresceu um ou dois
palmos. Foi aí que ele me deu
as roupas que não serviam mais.

O Tony ainda queria crescer
porque até podia ser
o melhor jogador da área,
mas era o mais baixo de todos.

E todo mundo sabe
que você não chega lá se
for assim tão baixo, só se
der um jeito de pular. Tipo,

voar.

E AÍ VIERAM OS TIROS.

Todo mundo
correu,
desviou,
fugiu,
se escondeu
direitinho.

Fez tudo o que
tinha aprendido.

Ficamos grudados no
chão, fazendo uma oração
para que o tiro, seguido pelo
zunido de uma bala,
não nos pegasse.

DEPOIS DOS TIROS

eu e o Tony
como sempre esperamos
o estrondo passar,
antes de levantar a cabeça do chão
e enfiar a cabeça no vão

pra contar os corpos.

Dessa vez
tinha um só.

Shawn.

EU NUNCA VI

um terremoto.
Nem sei se
isso passou perto,
mas o chão
com certeza se
abriu ao meio
só pra me engolir inteiro.

COISAS QUE SEMPRE ACONTECEM QUANDO MATAM ALGUÉM POR AQUI

Nº I: GRITOS

Não é todo mundo que grita.

Em geral são

mães,
namoradas,
filhas.

Nesse caso

foi a Leticia,

namorada do Shawn,
de joelhos dando beijos
na testa dele

entre um soluço e outro.

Acho que ela quis
acreditar que sua voz
podia mantê-lo
vivo,

podia estancar o sangue.

Mas eu acho

que ela sabia

lá no fundo,
bem no fundo
daquela profundeza,

que aquele beijo
era um adeus.

E A MINHA MÃE

lamentando baixinho,

Não o meu bebê.

Não o meu bebê.

Por quê?

parada em cima
do corpo do meu irmão
tipo um poste
com a luz fraca.

Nº 2: SIRENES

Sirenes pra todo lado,
cada uivo cortando
o barulho da cidade.

Mas não os gritos.

Os gritos sempre são
mais altos que o resto.

Até que as sirenes.

Nº 3: PERGUNTAS

A polícia jogou uma luz na nossa cara
e todo mundo virou pedra.

Alguém aí viu alguma coisa?

perguntou um mais novo.
Um jeito de honesto, parecia
que nunca havia feito isso.

É fácil sacar um policial novato.
É sempre aquele que faz perguntas
querendo ouvir a resposta.

Alguém aí viu quem atirou?

Não vi foi nada,

disse o Marcus Andrews, o sabe-tudo
da nossa área.

Até ele sabia que era melhor
não saber nada.

PRA QUEM NÃO TÁ LIGADO,

tiro deixa todo mundo
cego e surdo por um tempo
ainda mais quando tem alguém

morto.

Melhor ficar invisível
em momentos assim.
Disso todo mundo sabe.

Até o Tony saiu voado.

NÃO SEI DIREITO

se a polícia me perguntou alguma coisa.

Pode ser que sim.

Pode ser que não.

Eu não escutava nada.

Só ouvia o coração,
parecia que a cabeça
estava presa embaixo d'água.

Parecia que eu segurava o ar.

Pode ser.

Pode ser que
eu quisesse dar um pouco
pro Shawn.

Ou ficar
sei lá

igual a ele.

QUANDO DÁ RUIM

você olha pra cima e vê
 a lua, aquela bola brilhante,
 em cima da gente.

Isso sempre me deixou mais tranquilo.

Como se tivesse alguma coisa lá no alto
 iluminando quem vive na escuridão.

Mas antes de ontem, quando o

Shawn

morreu,

a lua estava apagada.

Ouvi falar que uma vez por mês

a lua fica sem luz

e se torna nova

e na outra noite já volta

ao normal.

Só digo uma coisa,

sorte da lua não estar aqui embaixo

onde nada

nunca é

novo.

FIQUEI ALI PARADO,

a boca fechada
com tanta força que dava
pra triturar os dentes,

e olhei para o Shawn
caído ali feito um móvel
velho largado na rua,

feito um sofá todo manchado
enfeitado com uma corrente dourada.
Isso nem os desgraçados

levam.

PENSAMENTO ALEATÓRIO

O sangue acumulado na
camiseta, no jeans, no sapato
fica parecendo calda de chocolate
quando a luz da rua bate.

Mas eu sei que não
tem nada doce no sangue.
De chocolate eu sei que não tem
nada.

NA MÃO DELE,

uma sacola
do mercadinho

branca com
letras vermelhas

OBRIGADO
OBRIGADO
OBRIGADO
OBRIGADO
OBRIGADO
OBRIGADO
OBRIGADO

TENHA UM BOM DIA

DENTRO DA SACOLA,

um sabonete especial
pra alergia da minha

mãe.

Já vi quando ela
coça até sair

sangue.

Quando cutuca as bolhas
de pus e tira pedaços da

pele.

E xinga a coisa invisível
que quer comê-la

viva.

TALVEZ UMA COISA INVISÍVEL

esteja tentando
comer

todo mundo
como se

a gente fosse
carne.

PROBLEMA

é uma coisa que aqui a gente passa pra frente
tipo camisa de marca. Sempre fica grande.
Sempre vem amarrotada.

é uma coisa que você herda tipo um baú
de ouro falso ou um mapa do tesouro
que não leva a nada.

é o que bateu na vida do meu irmão,
arrombou a porra da porta e saiu levando
tudo menos aquela corrente dourada.

E AÍ A FITA AMARELA

que diz NÃO ULTRAPASSE
é colocada, e não tem mais nada
a fazer a não ser ir pra casa.

A fita serve pra informar
que é a cena do crime,
como se a gente já não soubesse.

A aglomeração dá as costas
e volta pra onde veio, desce a rua
e não resta mais nada além da fita.

O Shawn eles embrulharam num saco
e carregaram pra longe, o sangue virou parte
da galáxia de concreto cheia de

estrelas de chiclete pisado. A fita
era tipo a moldura de um quadro. E no
outro dia, os moleques usaram pra brincar.

DE VOLTA AO OITAVO ANDAR

Me tranquei no meu quarto com
um travesseiro na cabeça pra abafar
a sinfonia de lamentos da minha mãe.

Ela ficou na cozinha chorando
com as mãos no rosto, e só tirava
de perto pra pegar o copo.

A cada gole vinha um breve
silêncio, e a cada breve
silêncio eu respirava de leve.

SENTI VONTADE DE CHORAR,

e parecia que
alguém tinha
entrado na minha cara

punhos minúsculos socando
o fundo dos olhos
pés chutando
minha garganta no ponto
em que você começa
a engolir.

Fica quieto, cochichei pra ele.
Fica firme, cochichei pra mim.

Porque chorar
é quebrar

As
Regras.

AS REGRAS

Nº I: CHORAR

Não.

Aconteça o que acontecer.

Não.

Nº 2: DEDURAR ALGUÉM

Não.

Aconteça o que acontecer.

Não.

Nº 3: SE VINGAR

Se alguém que você ama
aparece morto,

encontre a pessoa
que matou

e mate
também.

A INVENÇÃO DAS REGRAS

nem foi coisa do meu

irmão,

seus amigos,

meu pai,

meu tio,

os caras lá fora,

os malandros ou os que andam armados,

e com certeza não foi coisa

minha.

SÓ MAIS UMA COISA SOBRE AS REGRAS

As Regras nunca devem ser quebradas.
As Regras são feitas pra gente quebrada
seguir.

NOSSO QUARTO: UM QUADRADO, TINTA MEIO AMARELA

Duas camas:

uma à esquerda da porta,
uma à direita.

Duas cômodas:

uma de frente pra cama à esquerda da porta,
uma de frente pra cama à direita.

No meio, uma TV minúscula.

O lado do Shawn era o esquerdo:

quase perfeito.

O meu, o direito:

quase um chiqueiro.

A parede do Shawn tinha:

um pôster do Tupac,
um pôster do Biggie.

Minha parede tinha:

um anagrama que escrevi com garrancho
e a lápis, pro caso da mãe me fazer

apagar:

TEMOR = MORTE

ANAGRAMA

é quando você pega uma palavra
e vai ordenando as letras
pra formar outra palavra.

E às vezes as palavras
ainda fazem sentido juntas.

ex: CAMA = MACA.

Mesmas letras,
outras palavras,
e mesmo assim
têm uma ligação,

tipo dois irmãos.

A GAVETA DO MEIO

era a única coisa que destoava
no lado do Shawn do quarto,

tipo um único dente torto
numa boca impecável,
esmagada entre a
gaveta de camisas
dobradas em retângulos perfeitos
empilhadas feito apartamentos
e a gaveta de cuecas
e meias.

Fora do trilho. Quebrada. Afundada.

Parecia que a gaveta do meio
era zoadada de propósito
pra manter eu e a mãe longe

e a arma do Shawn perto.

NÃO VOU FINGIR QUE O SHAWN

era o tipo de cara
que tinha hora pra chegar.

O tipo de cara
que ligava e avisava
onde andava,
com quem estava,
o que fazia.

Não era.

Muito menos depois dos dezoito,
que foi quando nossa mãe
tirou as mãos de cima dele
e ergueu pro céu e

começou a rezar

pra que ele não fosse preso
pra que ele não engravidasse a Leticia

pra que ele não acabasse morto.

MINHA MÃE SEMPRE DIZIA

*sei que quem é novo
não quer parar em casa,
mas não esquece: quando
você for andar por aí à noite
vê se não deixa a noite
acabar entrando em você.*

Mas o Shawn
devia estar de
fone de ouvido.

Tupac ou Biggie.

ENTÃO QUASE SEMPRE

eu acabava indo
pra cama, encolhido
no meu lado do quarto,
e uma hora ou outra dormia olhando
os vidros de perfume meio vazios
em cima da cômoda do Shawn.

E a gaveta torta do meio.

Sozinho.

MAS NUNCA MEXI EM NADA

porque não tem condição
de levar um mata-leão
no meio da noite,

por isso não encostei nas coisas
dele

nunca mais.

ANTES ERA DIFERENTE.

Quando eu tinha doze e ele tinha dezesseis
a gente falava merda até o sono pegar um dos dois.

Ele me contava das garotas, e eu
contava das garotas de mentira, e ele

também fingia que era tudo verdade, só pra me
deixar contente. Ele me falava que os

melhores rappers do mundo eram o Biggie e o
Tupac, mas eu sempre fiquei pensando se não

era só porque eles já tinham morrido. Todo
mundo sempre ama mais quem já morreu.

E QUANDO EU FIZ TREZE

o Shawn me iniciou na adolescência
borrifando um perfume de gente grande,
disse que a minha namorada...

minha primeira namorada...
ia pirar.

Mas ela achou uma bosta
então terminei com ela,
porque

pra mim

o nariz dela
tava de sacanagem.

O SHAWN ACHOU ISSO

ridículo
e hilário
mas digno
de piada,
então me chamou

de William.
Digno de um

mata-leão
que mais parecia
um abraço.

AGORA O PERFUME

nunca mais vai
chegar ao fim do frasco.

E eu nunca mais vou dormir
acreditando

que se pegar o perfume
ou outra coisa dele
vou acabar com um braço
em volta do pescoço.

Mas é como se tirasse um braço
em volta do meu pescoço,
me torturando,
isso de ficar pensando

e eu nunca mais vou dormir
acreditando nele ou
acreditando que ele

mais cedo ou mais tarde
vai voltar pra casa, porque
não vai, e acho que agora
eu devia amá-lo mais,

como se ele fosse o melhor do mundo,

e isso é difícil demais
porque ele era meu único
irmão, e já era

o melhor do mundo.

DE REPENTE

nosso quarto
ficou
ao contrário.

Cortado ao meio.

Meio vazio.

Meio frio.

Meio curioso
pra abrir
aquela gaveta

bem no meio
de tanta coisa.

A GAVETA DO MEIO ME ENCAROU,

com aquele jeito todo torto,
um sinal de que algo lá dentro
podia e devia ser usado
para endireitar as coisas.

Eu puxei e chacoalhei e
mexi e empurrei
até uma fresta pequena
se abrir.

Grande o bastante para que
meus dedos de quinze anos
se enfiassem e tocassem

o aço.

APELIDO

O cano.

O ferro.

A máquina.

O tabuço.

O berro.

O trezoião.

A metranca.

O brinquedo.

A draga.

A ferramenta

pra REGRA N° 3.

O QUE ME LEMBRA DO CARLSON RIGGS

Que era famoso aqui
na área por fazer barulho tipo
uma sirene de polícia e ser
afetado como seu nome.

DIZIAM QUE O RIGGS

falava tanta besteira porque
era baixinho, mas acho que era
porque a mãe dele o obrigou a
fazer ginástica na infância, e
quando você usa roupa colada e
sabe dar estrelinha pode ser uma
boa também aprender a se defender.

Ou pelo menos falar como quem sabe.

O RIGGS E O SHAWN ERAM MEIO QUE AMIGOS, MAS

a melhor coisa que ele fez pelo Shawn
foi ensinar ele a dar um salto mortal.

A pior coisa que ele fez pelo Shawn
foi atirar nele.

SALTO MORTAL

é quando você fica
de cabeça pra baixo
numa barra
e balança
pra frente e pra trás,
com mais e mais força,
até chegar o momento
exato, quando você
solta as pernas
e sai voando pelo
ar, e com sorte
cai em pé.

A hora certa é tudo.

Se você solta as
pernas cedo demais
acaba com a cara
no chão. Se você
solta as pernas
tarde demais, cai
com tudo de costas.
Por isso você tem
que saber a hora
pra fazer direito.

O Shawn me ensinou
a calcular o momento perfeito.

Quem sabia dar
um mortal ou um
mortal pra trás (estrelinha não)
era o rei da rua.

O Shawn sabia fazer
os dois então era
o rei da rua pra
mim e o Tony e
a turma toda.

Mas ele fazia questão
de que eu fosse o príncipe.

Caso você ainda não saiba.

POR QUE EU ACHAVA (SABIA) QUE O RIGGS TINHA MATADO O SHAWN

Nº I: ÁREA

O Riggs foi morar
do outro lado do bairro
onde os Filhos da Noite
mandavam na porra toda.

Ele queria ser aceito e
deixar de ser cachorro
que ladra mas não morde,
pra na realidade

criar a própria coragem
com a mordida dos outros,
moleques que não permitem
gente cruzando seu território,

que por acaso fica a nove
ruas do nosso prédio,
e muito perto mesmo
da lojinha da esquina

que vende aquele sabonete
que a mãe mandou o Shawn

buscar logo pra ela
antes de ontem.

Nº I.I: TÉCNICAS DE SOBREVIVÊNCIA (para leigos)

Você

cola

em

um

cara

ou

leva

uma

sova

de

um

cara.

Nº 2: PROGRAMAS DE CRIME

Cresci vendo programas
de crime com a minha mãe.

Sempre descobria quem era
o assassino bem antes da polícia.

É tipo um dom. Fazer anagramas
e desvendar assassinatos.

Nº 3: ...

Só podia ser.

NUNCA TINHA SEGURADO UMA ARMA.

Nunca nem tinha
tocado numa.

Era mais pesada
do que eu esperava,

tipo quando você
segura um bebê,

só que eu
sabia que

o berro
ia ser

muito muito
mais alto.

UM BARULHO NO CORREDOR

Minha mãe,
cambaleando pra ir ao banheiro,
o choro chegando primeiro.

Na hora dei um tapa
no interruptor, deixei
o quarto no escuro, me deixei
despencar na cama, enfiei
a arma debaixo do travesseiro
tipo um dente que caiu.

O SONO

me viu e fugiu
pelo que pareceu
uma eternidade,

se escondeu
como eu me escondia
do Shawn

antes de acabar
surgindo de trás
de tanta dor.

ACORDEI

de manhã cedo
e tentei lembrar
se tinha sonhado
com alguma coisa.

Achei que não,
então fingi que
tinha sonhado com o
Shawn.

Assim me senti menos
mal por ter ido dormir
na noite em que ele foi
morto.

MAS TAMBÉM ME SENTI CULPADO

por acordar,
por respirar,

por me espreguiçar,
por bocejar e
por colocar a mão

debaixo
do travesseiro.

COLOQUEI OS DEDOS

em volta do cabo, bem
onde tinham estado os dedos
do Shawn, tipo irmão
menor segurando de novo
a mão do irmão maior,

indo juntos pra loja,
aprendendo como
fazer um salto mortal.

*Se soltar cedo demais,
vai cair de cara no chão.*

*Se soltar tarde demais,
vai cair de costas.*

*Pra cair de pé, tem que
calcular a hora certa.*

NO ESPELHO

do banheiro
meu rosto murchou
como se a tristeza
quisesse arrancar
meu couro.

Um zumbi.

Tinha dormido
sem tirar a roupa,
o fedor de
morte e suor
impregnado no
tecido tipo
ovo podre.

Olhei e
me senti

um lixo.

Ninguém se lixou.

ENFIEI O CANO

na parte de trás
da calça jeans, o
cabo saindo pra fora tipo um
rabo de ferro.

Cobri com minha
camiseta superlarga,
aquela de marca
que antes foi usada
pelo Shawn.

O PLANO

era esperar o Riggs
na frente do prédio.

Eu e o Shawn sempre
dávamos uma passada lá
antes do Riggs entrar pra gangue,

e de uns tempos pra cá o Shawn
passou por lá um monte de vezes
pra comprar o sabonete da mãe.

Pensei que seria mais seguro
se eu fosse de manhã. Se eu fosse
na hora certa, o bando dele

não estaria na rua. Ninguém
ia suspeitar de mim. Eu ia
tocar a campainha, pedir pra ele

descer e abrir a porta. Aí era
só puxar a camiseta pro rosto

e pronto.

NA COZINHA

o sol forte entrava pela
janela, cobrindo a minha mãe,
que dormiu debruçada na
mesa, com a cabeça apoiada
nos braços vermelhos, inchados.

Ela deve ter passado a noite
toda se coçando, talvez tentando
se livrar da culpa. Eu quis
acordá-la e dizer que a culpa
não era dela, mas não fiz nada.

Na verdade, com o peso da arma
nas costas, passei pisando leve
pelas partes do piso que rangem,
tentando não acordá-la pra não
precisar mentir sobre meu destino.

E partir ainda mais seu coração.

A LUZ AMARELA

que cortava o corredor
zumbia tipo os vaga-lumes
que o Shawn e eu
gostávamos de pegar
quando éramos pequenos.

A gente prendia os bichos
em uns vidros velhos
de maionese, quatro ou cinco
de cada vez.

O Shawn fechava bem
a tampa, e aí nós dois
ficávamos sentados
num banco olhando
os vaga-lumes voando,
trombando uns nos outros,
presos, até que,
uma a uma,
as luzes se apagavam.

NO ELEVADOR

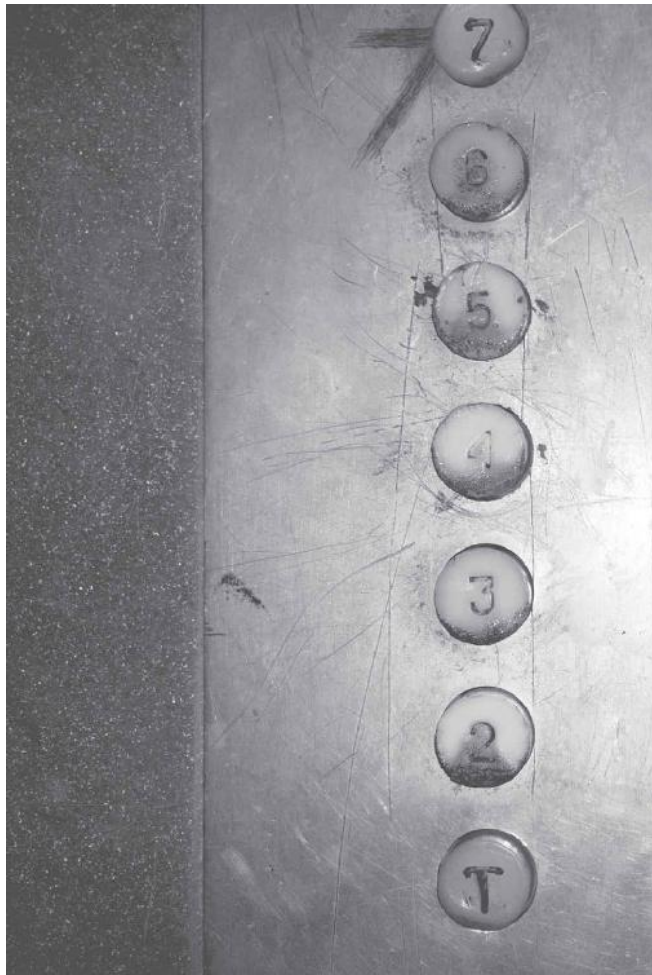
Já com dor nas costas.
Puro desconforto.
A arma presa
tipo uma pedra
que deixava minha pele
em carne viva.

Parecia que o tempo
tinha parado quando
eu estiquei o braço
e apertei o botão.

A luz branca
tomou conta da
flecha preta.

PARA BAIXO
PARA BAIXO
PARA BAIXO PARA BAIXO
PARA BAIXO
BAIXO

.



UMA COISA BIZARRA

acontece
no elevador.
Todo elevador.

Toda vez que
alguém entra,
a pessoa olha
se o botão
do andar aonde vai
já está aceso,
e se não estiver,
a pessoa aperta,
depois olha
para a porta.

Só isso.

Ninguém
fala com as
pessoas que estão
no elevador,
e as
pessoas que estão
no elevador
não falam com

quem chegou.

São as
regras do elevador,
acho.

Não fale.

Não encare.

Fique quieto,
olhe para a porta
e espere.

09:08:02

UM CARA ENTROU,

com certeza mais velho que eu,
mas não um velho.

Pele negra.

Magro. Cabelo curto
repartido de lado.

Nada de pelo na cara, nada mesmo.
Nem um bigode.

Correntes de ouro
balançando no pescoço
tipo barbante mágico.

Olhou pra ver
se o botão T
estava aceso.

Também ia pra baixo.

T QUERIA DIZER “TROUXA”

quando éramos crianças,
por isso eu e o Shawn sempre
ficávamos nos elevadores vazios
esperando alguém aparecer e apertar
o botão T. E, quando acontecia, a gente
ria sem parar porque a pessoa que era trouxa
e eu e o Shawn éramos os dois espertos nessa
viagem de elevador engraçada e vitoriosa até o
térreo. Fiquei pensando nisso quando esse cara das
correntes de ouro entrou e quis ter certeza de que o botão
T já estava aceso. Fiquei me perguntando se ele poderia saber
que, no mundo que era meu e do Shawn, eu já tinha escolhido ser
o trouxa.

É ESQUISITO

quando você
sente que
alguém
tá olhando
pra você mas
só quando
você não
tá olhando.

JÁ VI MENINAS

paradas no ponto de ônibus
que faziam os homens virarem
massinha de tanto que se esticavam
e inclinavam e forçavam
cada músculo só pra ver
um pedacinho do que o Shawn
e os homens daqui
costumam chamar

de mundo.

Mas não tinha nenhuma mulher
nesse elevador, então não tinha
nenhum mundo pra ficar
olhando.

Mas ele ficou olhando
mesmo assim,
sem saber que
se ficasse olhando
mesmo assim
arranjaria

um mundo

de problemas.

09:08:04

TE CONHEÇO?

perguntei,
irritado,
noiado.

O cara mostrou os dentes
e ajeitou as correntes
em volta do pescoço.

Me encarou,
olho no olho,
sem expressão no rosto.

Não tá me reconhecendo?

perguntou,
com uma voz
grossa,
próxima.

Olhei de novo.
Forcei a vista, tentei
lembrar do rosto.

Nem. Acho que não.

eu disse.

Ele abriu um sorriso.

Uma boca torta,
tenebrosa, de tubarão.

Aí ele virou de costas
para que eu visse a parte
de trás da camiseta.

Uma foto estampada.
Dele mesmo, agachado.
Dedo do meio levantado.
E um sorriso feito
de triângulos.

ADEUS BUCK SDDS ETERNAS

MEU ESTÔMAGO SALTOU

no peito
ou o peito caiu
no estômago.

Ou as duas coisas.
Eu o conhecia.

Buck?

Quase caí

pra trás.
Não podia ser.
Não podia ser.

Não era isso que dizia?

ele disse,

bem na minha frente.
Não podia ser.
Não podia ser.

Mas eu achei...

Eu gaguejei.

Achei... Achei...

Achou que eu tava morto,

ele disse,

na lata.

Na lata.

ESFREGUEI OS OLHOS

sem parar sem parar
sem parar mesmo,

viajando.

Nunca fumei
nem nada.

Não sei como é ficar chapado.

Não sei como é bad trip.

Nem sei como um cara morto

pode aparecer
pra falar comigo.

É

achei,

Eu disse,
torcendo pra ele
mandar um
não morri ou
fingi minha morte
ou

qualquer coisa
desse tipo.

Ou talvez
eu acordasse e
saísse pulando
da cama,
a arma ainda enfiada
debaixo do travesseiro,
minha mãe ainda
dormindo na mesa.

Um sonho.

O Buck olhou pra mim
e, vendo meu pânico,
disse baixinho:

Eu tô.

FIZ DE TUDO PRA ACORDAR.

Puxei a pele
do sovaco,
dei um tapa
no meu rosto,
tentei até
acordar de tanto
bufar.

Bufando,
bufando,
bufando,

mas é

o Buck.

JÁ SEI O QUE VOCÊ TÁ PENSANDO.

Que eu tava
~~morto de~~
com medo.

MAS NÃO TEM MOTIVO.

Eu conheço o Buck
desde criança e ele
era o irmão mais velho
que o Shawn nunca teve.

O Shawn conhecia o Buck
bem melhor que eu,
há muito mais tempo do que
a gente conhecia nosso pai.

RETIRO O QUE DISSE.

Eu *fiquei* com medo.

E se ele tivesse vindo
me pegar,
me levar
com ele?

E se ele tivesse vindo
roubar
meu ar?

ANAGRAMA Nº I

ELEVAR = REVELA

09:08:05

AINDA MEIO SEM AR, PERGUNTEI,

O que você quer?

Limpei
o canto
da boca e pensei

*Por favor não diz
que veio aqui
pra me levar.*

*Por favor não diz
que já morri.*

Por favor.

Na verdade,

ele disse,
se esticando igual
no ponto de ônibus,

*Vim dar uma olhada
na minha arma.*

MINHA RESPOSTA

...

Aí, até que enfim,
quase cochichando, ele completou,

Você tá de rabo de fora.

PASSEI A MÃO NAS COSTAS

e senti a forma
da coisa, tipo
uma outra parte
de mim,

uma vértebra extra,
uma cartilagem
de coragem.

PENSEI EM PASSAR A ARMA

pra frente,

mas o Shawn vivia falando

que todo cachorro,

até o que mais rosna,

às vezes anda com o rabo entre as pernas,

sinal de medo.

Sinal de

trapaça.

EU ME LEMBRO

*de quando dei
isso aí pro Shawn,*

o Buck disse.

*Ele tinha mais ou menos a sua idade.
Falei que ele podia guardar pra mim.
Também ensinei como se usava.
Ensinei todas As Regras.
Quis que ele promettesse que ia guardar
num lugar onde você nunca fosse achar.*

e eu respondi
com toda
a dureza
na voz que
consegui.

Mas eu achei.

SORTE QUE EU ACHEI,

porque vou precisar,

expliquei.

O Shawn morreu.

Não precisava de enrolação.

Fora que o Buck já devia ter noção.

Gente morta entende de coisa morta.

Que merda.

(Que ideia idiota.)

Foi ontem à noite.

Seguiram o Shawn saindo da loja.

Pegaram o Shawn dando mole,

meteram dois tiros no peito

bem na frente do nosso prédio.

Eu disse,

com o amargo da mágoa

no fundo da garganta.

Mas certeza de que foram

os Filhos da Noite. Eles e o

Riggs. Só pode ter sido.

Buck cruzou os braços.

Saquei,

ele disse,
balançando a cabeça,
a boca se contorcendo
numa reprovação.

E que que você vai fazer?

Meus olhos viraram
duas navalhas.

*Eu vou fazer o que
preciso fazer. O que você
também ia fazer.*

Endireitei o corpo.

Seguir As Regras.

09:08:08

O ELEVADOR CHIAVA

e balançava
e tudo tremia
tipo a gaveta do meio,
tipo um treco fora do trilho.

Quase me caguei de medo.

*Como é que
essa porcaria
demora tanto?*

Eu perguntei,
batendo na porta
com a mesma força
que meu coração
batia no peito.

*Essa geringonça
sempre foi lenta,*

o Buck disse,
dando risada.

*É, mas já tá
virando piada,*

eu respondi,
com as mãos suadas.

Relaxa,

o Buck disse.

Agora é daqui

pra

baixo.

ACHO QUE ELE NÃO ME OUVIU

ou não me levou a sério.

É sempre assim com quem é mais velho.

Ficam pensando que tô de papo furado.

Ficam pensando que não tô mandando a real.

Mas eu tava mandando a real.

Só a real.

RELAXA?!

Pirei.

Relaxa?

Não tenho tempo pra isso!

Tenho uma coisa pra fazer.

Uma tarefa.

Uma treta pra resolver,

Eu disse,
me achando
muito
machão

e as pernas trêmulas,
só pra disfarçar o coração
acelerado.

O BUCK DEU RISADA, E

tem risada

que é tão alta
e tão pesada
e apontada
pra você

que acho
que pode ser
tão ruim quanto
o impacto

de uma bala.

TEM UMA COISA PRA FAZER?

Treta pra resolver?

O Buck falou debochado,
e chegou a chorar
de tanto dar risada.

*Beleza, beleza. Então você vai
seguir As Regras?*

Vou, certeza,

eu disse,
colocando o pé na frente
pra ver se ele entendia
que não era brincadeira,
que eu tava mandando a real.

O Buck encostou
um dedo no meu peito
como se estivesse apertando
um botão do elevador.
O botão T.

*Mas você não
leva jeito, Will,*

ele disse,

todo metido.

*Seu irmão levava, mas você...
você não.*

ELE PERGUNTOU

se eu pelo menos tinha
visto se a arma estava
carregada.

Eu não tinha.

E agora quase
atirei em mim mesmo
tentando entender
como funcionava.

ME DÁ ISSO AÍ

*antes
que você se mate.*

O Buck apertou sei lá que parte.

O pente saiu do cabo,
tipo um chocolate de metal.

*Quatorze balas.
Uma no buraco.
Quinze no total,*

ele disse,
empurrando
o pente de volta.

*Era pra
ter quantas?*

Eu perguntei.

Dezesseis.

Mas não importa.

09:08:11

ELE APONTOU A ARMA.

Eu agarrei na hora,
mas o Buck não soltava.

Eu puxava, puxava,
empurrava, empurrava,

mas ele

segurava, segurava,
gargalhava, gargalhava,

era o Buck sendo o Buck.

FINALMENTE O BUCK SOLTOU

e eu fui parar na parede,
quase voei pelo espaço

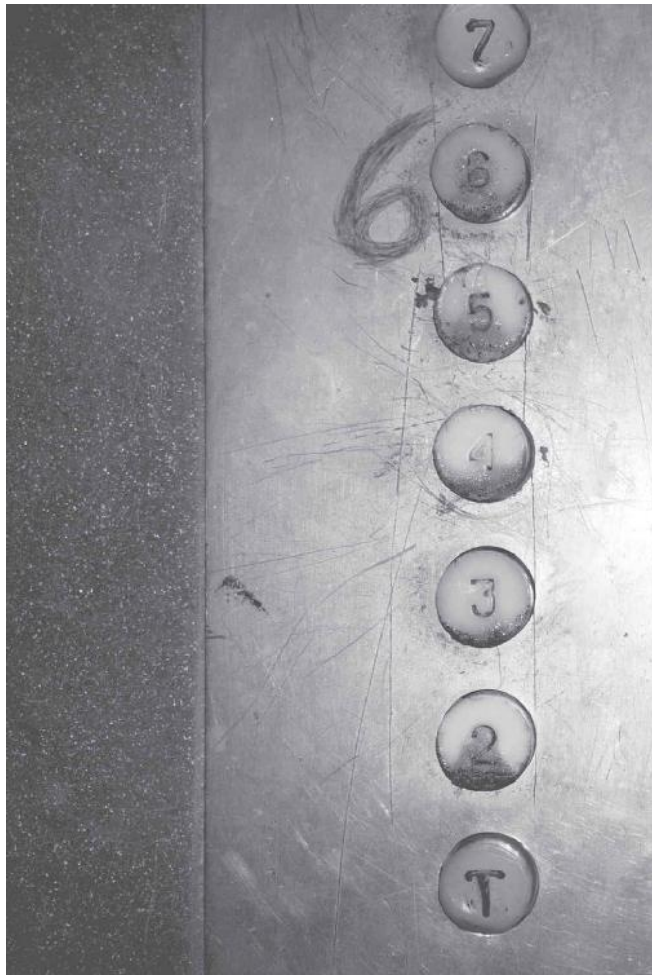
igual a um palhaço.

Você não leva jeito,

ele ficou
repetindo sem parar
num murmúrio sem força
enquanto tirava
de dentro do bolso
um maço de cigarros.

Colocou um na boca,
acendeu um fósforo com o barulho
de quando você estala o dedo.

E de repente o elevador tinha parado.



NÃO TIVE NEM UM SEGUNDO

pra

cair na real,
pegar o metal,
guardar a arma,
dar meia-volta,
ignorar o Buck,
recuperar o fôlego,
endireitar o corpo,
agir normalmente,
agir naturalmente,
agir como se
as únicas regras
que importavam
fossem as regras
do elevador.

UMA GAROTA ENTROU.

Parou do meu lado.

Quase da minha idade.

Linda demais.

Vestido florido.

Sapato baixo.

Maquiagem leve,

brilho labial,

algo na bochecha.

Perfume,

doce,

delícia,

que atravessava

toda aquela fumaça

de cigarro.

ELA OLHOU E VIU

se o T estava aceso.

E eu estava

passando com os olhos
pelas pernas dela,
pelas formas e dobras
de cada flor em seu
vestido, em seu
braço, em seu
pescoço, em seu
rosto, em seu
cabelo.

Depois
a manobra
do ponto de ônibus
para dar uma conferida

no mundo.

Mas o cano de metal
cutucou as minhas costas,
me fez ficar trêmulo,
me fez ser óbvio,

um bosta.

09:08:12

EU NÃO SABIA

*que fumar
era permitido
no elevador,*

ela disse,
numa conversa fiada carregada
de deboche.
Mas eu estava em choque
e não percebi.

Você... viu isso?

Eu respondi
todo sem jeito,
sem saber o que fazer
com um fantasma por perto.

Me perguntei se ela
tinha pensado que fui eu
que andei fumando
antes dela
aparecer

já que não podia ver
o Buck ali no canto
baforando,
fazendo umas caras tipo

*Manda
ver.*

*Ahn... claro.
Tá por todo lado,*

ela disse,
segurando
a tosse.

Ela abanou a fumaça
pra longe do rosto
e mostrou o dedão pro Buck,
que balançou a cabeça
e soprou anéis pelo espaço.

*Ela conseguia ver ele.
Ela conseguia ver ele?
Ela conseguia ver ele!*

Aí
ela virou pra mim
e completou

*Também não sabia
que armas
eram permitidas
no elevador.*

ELA CONSEGUIA VER

o Buck?

Mas como?

Eu pensava que ele era

só o meu fantasma,
só a minha fabulosa
imaginação.

Mas

quando ela

conseguiu ver,

conseguiu sentir o cigarro

fedido,

eu tive certeza

de que era verdade.

A ESSA ALTURA

é bem provável
que você já
nem acredite em mim
ou pense que sou maluco.

E talvez eu seja.

Mas eu juro
que tudo isso
é real.

Juro.

CHEGUEI PERTO,

também abanei a fumaça,
deixei pra lá o que ela tinha dito
sobre a arma,
olhei pro Buck
com cara de doido.

Mas ele não tava nem aí.

Ele só ficou lá encostado e
deu mais uma tragada no cigarro,
queimando mas não queimando tudo.

Ainda tinha.

Fogo.

Fumaça.

Mas nenhuma cinza.

ELA ENCOSTOU A MÃO NA MINHA

pra chamar a minha atenção,
o que em qualquer outra
ocasião teria sido a
oportunidade perfeita
pra que eu mandasse
uma cantada ou ao menos ensaiasse
minha melhor imitação do Shawn,

que era
a melhor imitação do Buck.

MAS NO ELEVADOR TINHA UM FANTASMA

aí
não
dava.

FORA

que é difícil pensar
em beijar e matar
ao mesmo tempo.

ELA PERGUNTOU

*Mas pra quê
você precisa disso?*

E quando fiquei
todo confuso
(fingi que tinha
ficado confuso)

ela disse
com todas as letras
e deixou bem claro,

A arma.

09:08:15

O PRÓXIMO DIÁLOGO FOI FÁCIL.

*Sem querer ser chato,
mas isso não é coisa
que você pergunte
pra qualquer pessoa,*

eu disse,
ainda tentando
ficar de boa.

A menina concordou
e respondeu,

*Você tá certo.
Muito certo.*

MAS AÍ

ela colocou a mão no meu ombro,
e aquele perfume veio flutuando do pulso
direto pro meu nariz, e ela disse,

Mas

eu

te

conheço,

Will.

NÃO VOU MENTIR.

Fiquei animadinho.

Sei que eu disse que flertar
num elevador com um
fantasma dentro
não
dava,

mas uma hora ou outra
ele tinha que ir embora.

E o Shawn sempre dizia
que se uma garota te conhece
mas você nunca viu na vida
é porque ela tá
de olho em você.
Reparando em você.
Sacando você.

Ele deve ter aprendido com o Buck.
E eu queria pagar pra ver.

DE ONDE?

foi o que consegui improvisar,
engatilhando as cantadas.

De onde você me conhece?

Ela abriu um sorriso.
Só que com os olhos.

Do parquinho,

ela disse.

Pulando na barra tipo um

macaquinho.

QUE ENGRAÇADO,

eu disse,
sacando que ela
queria me zoar.

Não sou macaco, não.

Não te chamei disso,

ela respondeu.

Tô falando sério.

*Bom, então você falou com
o cara errado porque já sou
velho pra ficar de bobeira
em parquinho.*

*Tá, mas eu te conheci
quando você não era.*

ELA ABRIU A BOLSA,

ficou mexendo,
pegou uma carteira,
abriu,
virou pra mim
pra mostrar uma foto
tipo gente branca faz
nos filmes quando

quer mostrar o filho.

Mas eu nem queria ver filho nenhum.

Mas lá estava.

Lá estávamos.

EU E MINHA AMIGA DANI

quando crianças.

Oito

anos de idade.

Bermudinha jeans e
camiseta de segunda mão
que antes era do Shawn.

Vestido florido
com short por baixo
pra Dani,
pendurada numa barra
com a língua pra fora
tipo uma bala cor-de-rosa.

O sol brilhando nos meus olhos.

A luz do sol no olhar dela.

09:08:18

LEMBRA DISSO?

a menina perguntou,
fechando
certeira
a carteira.

Mas é claro,

eu disse,
curioso pra saber como
ela conhecia a Dani.

*Foi um dos melhores
e piores dias da minha vida.*

Você lembra que nesse dia,

ela parou
e virou a
cabeça de lado,
mãos na cintura,
braços de borboleta,
e continuou,

eu te dei um beijo?

ARREGALEI OS OLHOS.

Dani?

Era a Dani. Dani.

Parada bem ali.

O vestido florido
igualzinho.

O rosto
oito anos mais velho que
o de alguém de oito anos
mas ainda era

o mesmo.

SIM, EU ME LEMBRO.

Eu me lembro.

Eu me lembro disso.

Eu me lembro daquilo.

E de repente...

Fiquei cabreiro.

E de repente...

Tiroteio,

ela disse.

Tiroteio.

TIROS

tipo fogos de artifício
vindo de todo lado.

A Dani disse que seu corpo
pegou fogo e ela só queria
saltar de si mesma, pular
pra algum outro lugar

como a gente fazia quando
se pendurava na barra.

QUE VONTADE DE VOMITAR,

provocou o Buck.

E ficou todo *hehehe*,
o cigarro pendurado na boca,
balançando a cada sílaba
tipo uma vara de pesca
com o peixe preso na isca,
com o anzol na cabeça.

CONTEI PRA DANI

que eu me lembrava
do Shawn gritando pra gente ficar
abaixado.

Deitado em cima da gente,
nos protegendo, amassando todo mundo
no chão.

Contei que me lembro de ter
olhado pra ela o tempo
inteiro.

Os olhos abertos, a claridade
indo embora. A boca aberta.
Chiclete

e sangue.

JURO QUE TEM HORAS

que parece que Deus
resolve mostrar a foto
de cada filho,
esquisito,
maravilhoso,

enfiada na carteira
para o mundo
ver.

Mas o mundo
não tá a fim de ver
filho,

e Deus não leva jeito
pra ser pai empolgado
então ele só dobra
a gente e
fecha bem.

QUANDO DISSERAM

*que você foi embora,
eu chorei a noite inteira,*

confessei.

*E no dia seguinte,
em cima do ovo cozido
e do cereal amolecido
o Shawn me ensinou
a Regra Número Um...*

não chorar.

O QUE SENTI

quando mataram a Dani
foi inédito.

Nunca tinha sentido nada igual.

Fiquei imóvel no chuveiro
no dia seguinte,
depois que o Shawn me ensinou
a primeira regra,

 não chorar,

sentindo que eu
queria arrancar minha
pele fora arrancar meus
olhos fora quebrar
alguma coisa,

 um muro,

 uma cara,

 tanto faz,

pra que outra coisa
também tivesse
um buraco.

ANAGRAMA N° 2

PESAR = PRESA

QUE MANEIRO

te ver, Dani,

eu disse,
meio brincando
mas falando
muito sério.

Ela cresceu
e ficou linda.

Pelo menos
era assim que seria.

*Bom te ver
também, Will.*

Ela sorriu.

*Mas você ainda não
respondeu minha pergunta.*

PRA QUE VOCÊ PRECISA

de uma arma?

09:08:20

MINHA CARA

ficou tensa
ficou dura.

Ontem à noite mataram o Shawn.

Quem matou o Shawn?

E você já não sabia?

Só me diz quem foi, Will.

*Os Filhos da Noite. Você lembra
do Riggs, que morava aqui perto?
Acho que foi ele. Só pode ser!*

Só
podia
ser.

MATARAM A DANI

antes de ela aprender
As Regras.

Então expliquei tudo
pra ela não pensar mal
de mim por respeitar
As Regras

como se eu fosse só
mais um cara tentando
matar outro cara.

Pra ela saber que eu tinha
uma meta

e que isso era assunto
de família

e se eu conhecesse
As Regras quando
a gente era criança teria
feito a mesma coisa

por ela.

AÍ A DANI PERGUNTOU,

E

se

você

errar?

MAS

não vou,

eu disse.

Mas e se você errar?

ela perguntou.

Não vou,

eu disse.

Mas como você sabe?

ela perguntou.

Só sei,

eu disse.

Mas você já deu um tiro?

ela perguntou.

Não importa,

eu disse.

Não importa.

A DANI FICOU CHATEADA.

Cobriu a cara
com as mãos,
tentou afastar
a preocupação.

Mas não dava.
E eu não esperava
que desse.

OLHEI DE NOVO PRO BUCK

em busca
de uma ajuda,
qualquer coisa,
mas ele não
disse nada.

Só tirou o
cigarro
do bolso
e mostrou
pra Dani.

O BUCK DISSE

Cigarro?

Acho que era
desse jeito mesmo
que ele quebrava
o gelo.

Valeu,

a Dani disse,
pegando um
do maço.

Você fuma?

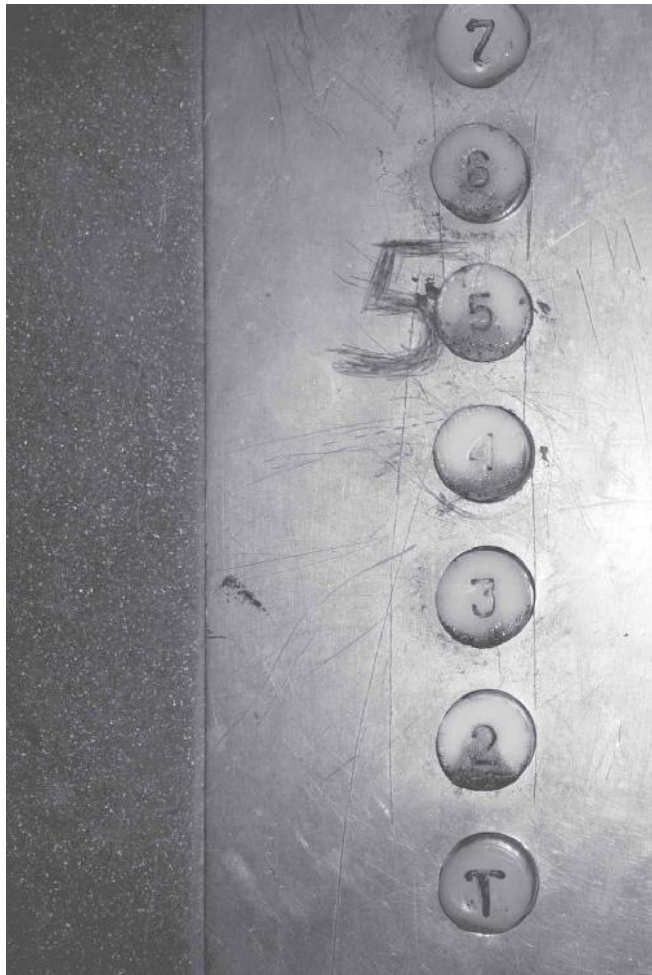
eu perguntei.

Você atira?

ela disparou na hora,
colocando o cigarro
na boca brilhosa,
enquanto se inclinava
pra pedir fogo.

O Buck riscou
um fósforo.

E o elevador
parou de novo.



O ELEVADOR,

uma caixa de fumaça,
cinza e fechada.

O Buck e a Dani
só baforada e sopro
de cigarros sem fim.

Pensei que assim
que a porta se abrisse
a fumaça daria espaço.

Mas na verdade virou
uma nuvem pesada
presa num cubo de aço.

FUMAÇA DE CIGARRO

não tem nada a ver
com uma coberta de lã
não tem nada a ver
com a neve, com
uma TV nova.

A fumaça assim como a alma
pode ser pesada
e não precisa ser
sólida o suficiente
pra me prender aqui.

EU ABANEI E TOSSI,

torcendo pra que a pessoa lá fora
resolvesse esperar o próximo.

Quem é doido de entrar num elevador
cheio de fumaça?

E se nem estivesse
cheio de fumaça?

Tanto faz,
mas quem é doido de entrar num elevador
com um moleque surtando?

Batendo e pulando na
nuvem sem forma.

A pessoa ia acabar pensando
o que você deve estar pensando
agora.

DEI UM PASSO PRA TRÁS

pra abrir espaço
pra que a silhueta andando
em meio à neblina

entrasse.

A Dani e o Buck
ficaram logo atrás,
perto demais de mim

mas não senti bafo nenhum.

09:08:22

DUAS MÃOS ENORMES,

as maiores que já tinha visto,
surgiram no meio da nuvem,

rígidas e rápidas,

agarraram a camiseta com gosto,
me puxando pelo pescoço,
me mantendo ali preso até
a porta do elevador fechar.

Mal conseguia respirar
quando comecei a perder
o ar e não via mais nada
além desse lençol

cinza.

AÍ, NUM MOVIMENTO VELOZ

as mãos me soltaram e
me deram um mata-leão,

do tipo que o Shawn fazia
comigo, do tipo que desperta

a fúria de qualquer irmão.

AO FUNDO EU OUVIA UMA RISADA

era tipo ficar preso debaixo d'água
com umas ondas afobadas
quebrando direto na minha cabeça
risada dando risada
risada mergulhada.

Alguém avisa pra água
que não tem graça
pra quem se afoga?

QUANDO FINALMENTE ME SOLTARAM,

procurei

o Buck,
a Dani,
ajuda.

Eles foram
prum canto,
rindo,
sumindo,
soprando

o ar.

QUE PORRA É ESSA?

Dei
um grito,

uma mão no pescoço,
uma mão no meu rabo

agora
pra fora.

VOCÊ VAI PEGAR O QUÊ

e vai pegar pra quê?

o babaca
que tentou fazer purê
bem no meio
do meu gogó
veio me encher.

Sobrinho

Sobrinho

Sobrinho

Sobrinho?

Sobrinho,

ele veio cantando.

*Esse tempo todo
e você não aprendeu
a dar o troco?*

O QUE NÃO FALTA

é fotografia
do Tio Mark lá
em casa.

Marcando a parede,
marcando presença no bairro, pose
com o meu pai, que era mais baixo
e irmão caçula.

Estilo ostentação.
Terno, ouro.
Cigarro enfiado
atrás da orelha.
De olho na câmera.

Firmeza.
Igual ao Shawn.
Anunciando o barulho do flash.

TIO MARK?

Deixei o braço
cair de lado,
engoli em seco.

Fiquei louco?

Vem cá, moleque,

disse o Tio Mark.

Deixa o tio te ver.

Cheguei mais perto.

Mais alto que eu.
Mais alto que todo mundo.
Um e noventa e quatro,
Um e noventa e cinco.
(A sete palmos.)

Apoiou a mão
no meu ombro,
aquele peso todo
me amolecendo
os joelhos.

A cara do desgraçado do seu pai,

ele disse.

Sem tirar nem pôr.

MINHA MÃE ME CONTOU DUAS HISTÓRIAS SOBRE O TIO MARK.

Nº I

Ele fazia vídeo de tudo
com a câmera que a mãe dele,
minha avó, deu de presente
quando ele fez dezoito anos:

batalha de dança,
briga de gangue,
festa de rua.

Mas o sonho dele era fazer um filme.

IDEIA DE ROTEIRO

GAROTO: Mickey. Sem jeito. Sem mulher. Conhece a

GAROTA: Jesse, namoradinha do

GAROTO: dono do apartamento onde o Mickey mora.

GAROTA: Jesse ensina tudo que o

GAROTO: Mickey precisa saber sobre as coisas de

GAROTA: Como impressionar. O que fazer. Mas o

GAROTO: Mickey aplica o que aprendeu pra fazer com que

a

GAROTA: Jesse se apaixone por ele, mas o namorado dela,

GAROTO: o tal dono do apartamento, descobre e coloca o
Mickey e a

GAROTA: Jesse pra fora do prédio.
Ou seja: eles se amam,
mas não têm onde morar
mas são felizes mesmo assim.

Certo.

SELEÇÃO DE ELENCO DO FILME MAIS BOBO E MAIS LIXO DO MUNDO

GAROTO: Mickey

interpretado pelo irmão caçula do Tio Mark,
meu pai,
Mikey.

GAROTA: Jesse

interpretada pela irmã mais nova de uma garota
que o Tio Mark tinha namorado,
Shari,
minha mãe.

O TIO MARK ME PUXOU

pra dar um abraço
mas como faz pra
abraçar o que te dá medo?

E QUER SABER

é estranho conhecer
alguém que você não conhece

e ao mesmo tempo

não conhecer
alguém que você conhece,

sabe como é?

09:08:25

O QUE VOCÊ TÁ FAZENDO AQUI?

perguntei pro Tio Mark,

esperando minha vez,

minha voz,

olhando ele de cima

a baixo.

A tristeza

cortou seu rosto

tipo vento gelado

num lábio rachado

que andou tentando

sorrir.

Acho que ele esperava

que eu ficasse animado.

E até que fiquei,

mas não sei.

COM A MÃO

ele alisou a frente
da camisa,
desfazendo o amarrotado,
ficando na estica.

A calça ia
justa até o topo do
sapato social,
sapato social amarrado
com cada laço impecável,
o couro só brilho,
superliso
como se nem
andasse.

Ele alisou sem parar,
do peito até chegar
na barriga
e nas coxas,

depois ficou agachado,
molhou um dedo com
saliva e esfregou
a ponta do sapato,
uma mancha

invisível.

A PERGUNTA CERTA,

ele disse,
de olho em mim,

é por que você tá aqui?

PENSAMENTO ALEATÓRIO Nº 2

Sempre
sempre
sempre

desconfie de uma pessoa
que responde uma pergunta
fazendo outra pergunta.

Normalmente
normalmente
normalmente

é cilada.

ANAGRAMA N° 3

DISFARCE = DECIFRAS

COMO ASSIM?

eu perguntei,
tentando evitar
que o assunto fosse
a frieza
no meu coração
e a explosão
na minha cintura.

COMO ASSIM?

Ele levantou.

Como assim?

ele repetiu,
juntando
as duas mãos,
encostando os dedos,
estalando o que deviam
ser todas as juntas
do mundo.

*Escuta aqui, moleque,
não vem me enganar
e não vem com enganação.
É melhor você
abrir a boca antes que
eu cale a sua boca.*

TÁ, TÁ,

eu implorei,
tentando afastar o tio,
tentando me livrar
de mais um mata-leão.

*Olha só,
mataram o Shawn
ontem à noite, Tio Mark,
e aí...*

*E aí hoje
você acordou decidido
a fazer o que é
certo, certo?*

Fiz que sim.

*E o motivo disso
é que pela primeira
vez na vida inteira,
você entendeu, ou pelo
menos pensou, que podia
matar uma pessoa,
certo?*

Fiz que sim.

CERTO?

ele disse,
mais alto.

Certo.

MAS PRA ME EXPLICAR

eu disse,

*As Regras são
as regras.*

O TIO MARK BUFOU

e fechou os olhos.

Não sei se ele
estava pensando

nas Regras.

Ele conhecia todas
como eu conhecia.

Passaram pra ele.
Passou pro irmão mais novo.
Passou pro meu irmão mais velho.
Passou pra mim.

As Regras
sempre ditaram as regras.

Passado presente futuro eternamente.

O TIO MARK FECHOU A BOCA COM FORÇA

e parecia que ia
cortar os lábios.

Daí ele abriu
os olhos.

Tá bom, Will,

ele disse,
todo sério.

Vamos estudar a cena.

*Como assim,
que cena?*

*Tipo assim, ensaiar,
pra ver como tudo isso
vai rolar. Ensaiar
tipo um filme,*

o Tio Mark explicou.

*Tim-tim por tim-tim.
Eu começo, bem assim.*

A CENA

*Will se debruça sobre o irmão morto, Shawn.
Dois buracos no peito. Tem sangue pra
todo lado.*

*Will leva a mãe pra dentro.
Ela chora. Ele procura a arma
do irmão.*

*Will encontra a arma. Deita na cama
e pensa nas Regras. Não chorar. Não dedurar.
E sempre se vingar.*

*No dia seguinte, ele decide tirar satisfação
com quem sabe que matou seu irmão.
Um cara chamado Riggs.*

*Will entra no elevador. Desce até o
térreo. Sai lá fora, passa pelo sangue
do irmão no chão.*

*Ele anda nove quadras,
chega aonde o Riggs mora, vê o Riggs,
aponta a arma e...*

TRAVEI

Não consegui
falar mais nada. Não consegui
nada. Torci para o Tio Mark falar

corta.

MAS ELE NÃO FALOU (a cena, continuação)

Vai. Termina.

Até aquele momento
estava dando tudo certo,
mas essa bosta
da última parte
me deixou confuso.

Termina!

O Tio Mark exigiu.
A Dani suspirou.
O Buck debochou.

Tá bom, tá bom.

Eu disse,
tentando deixar
o Tio Mark calmo.

Will aponta a arma

e...

Eu gelei.

E... e...

MINHA BOCA

ficou seca,
as palavras, um catarro
preso na garganta,
tipo uma reação alérgica
à simples ideia
da coisa toda.

A CENA (final)

E...

E atira.

O Tio Mark
terminou minha frase,
falou devagarinho,
prolongando o
aaaaaaaaaaaaaa.

Então por fim
fui capaz
de dar pra voz
uma mira.

E atira.

SÓ PRA CONSTAR,

esse filme

ia ser bem melhor
do que aquele lixo
que ele queria fazer
quando era vivo,

disso não duvido.

Talvez não tão animado.
Mas muito mais digno.

HISTÓRIA Nº 2 SOBRE O TIO MARK

O Tio Mark perdeu a câmera
que tinha ganhado da mãe,
aquela que ele usava pra gravar
as batalhas de dança
e as brigas de gangue
e as festas de rua
e o comecinho daquele
filme mela-cueca.

Não tinha grana pra comprar outra.

OPÇÕES:

Podia pedir pra vó,
mas não ia adiantar nada.

Podia roubar,
mas ele não ia suar a camisa
e muito menos correr da polícia.

Podia arranjar um bico,
mas trabalho era mais uma das coisas
que o Tio Mark não ia fazer nem ferrando.

Então ele fez
o que muita gente faz

aqui por esses lados.

O PLANO DELE

Vender só por um dia.

Um dia.

O Tio Mark

pegou uma esquina,
os bolsos cheios
de pedra pronta
pra virar uma bolada,
investir no futuro,

e após uma hora
tinha a soma
necessária pra
câmera nova.

Mas resolveu
ver no que dava

só até
o fim do dia.
Só isso.

Só até
o
fim
do

dia.

CERTEZA

que

você

já

ouviu

essa

história.

ELE PEGOU AQUELA ESQUINA

por um dia,
por uma semana,
por um mês,

aviãozinho,
parada séria,
galã da cena
fazendo grana,

na mira
de outro cara
que vendia na área
e taí um nome

que a mãe nunca
lembra.

ESSE CARA TIROU A ESQUINA

do Tio Mark.

Roubou dele na
cara dura.

E não rolou paz.

Todo mundo
correu pulou se escondeu
direitinho
estourou os próprios tímpanos
arrancou os próprios olhos.

Todo mundo fez
o que foi ensinado.

Fingiu que a fita amarela
era quase uma
bandeira do bairro
que ninguém põe pra fora
mas que fica balançando
no vento.

O TIO MARK DEVIA

ter comprado a droga da câmera
e mandado bala no tal do filme
depois do primeiro dia.

Infelizmente,
ele nunca mais mandou bala
em nada.

Mas meu pai, sim.

ANAGRAMA Nº 4

EXECUTOR = EXCRETOU

PENSAMENTO ALEATÓRIO Nº 3

Não sei direito
o que é um executor,
mas fico pensando
num cara malfeitor.

O sangue frio
como gelo.

09:08:31

E ENFIM, DEPOIS QUE EU DISSE

e atira,

foi como se as palavras
saíssem e ao mesmo tempo
entrassem de volta.

Foram caindo
dentro de mim
mastigando tudo
que aparecia na frente,
parecia que eu tinha
engolido
meus dentes
e eles eram
mais cortantes
do que eu pensava.

E DEPOIS, O QUE ROLA NESSE FILME?

O Tio Mark perguntou,
enfiando um cigarro
atrás da orelha,
rolando o outro
entre os dedos.

Nada.

Só isso. Acaba.

Dei de ombros.

Ele posicionou o cigarro
no canto da boca
e bateu no bolso
procurando o isqueiro.

Acaba?

ele chiou,
olhando pro Buck,
pedindo fogo.

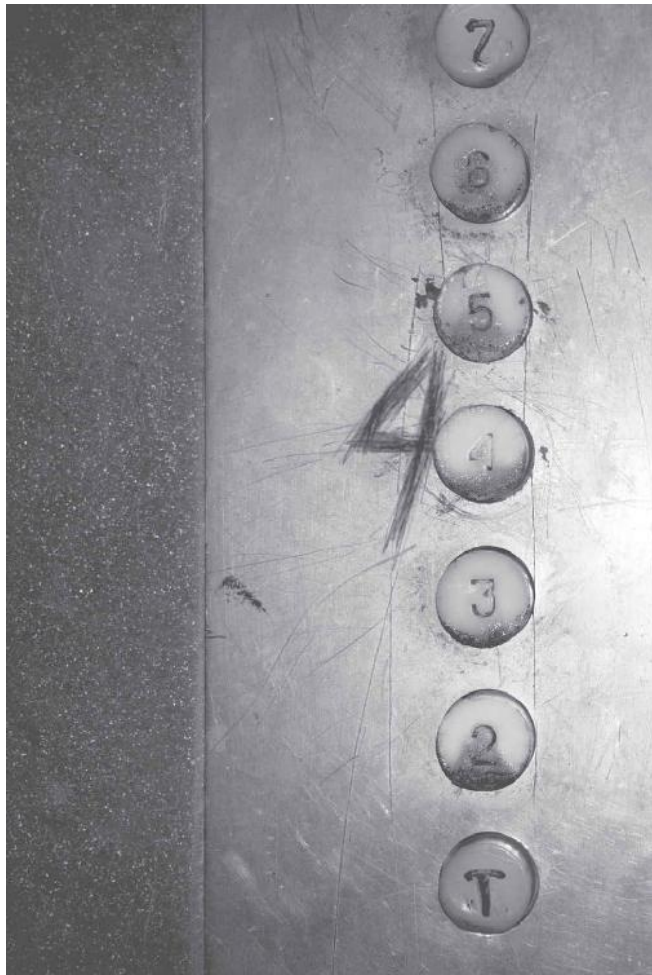
Essas coisas não acabam.

O Tio Mark falou,
rindo, rindo.
E se virou pro Buck.

Nunca.

O Buck riscou um fósforo.

E o elevador parou,
de novo.



DESSA VEZ

não tinha fumaça
bloqueando a porta,
só que tinha
três pessoas...

pessoas, eu acho...

no elevador,
fumando.

Eu sei
que não faz sentido,
mas continua comigo.

E LÁ ESTAVA ELE

claro como o dia
enquanto a porta
se abria.

Reconheci
na hora.

Esperava por ele
desde quando
tinha três anos.

Mikey Holloman.

Meu pai.

09:08:32

MEU PAI

entrou no elevador,
parou bem na minha frente,
me encarou

como se olhasse
para um reflexo no espelho,
como se tivesse entrado
numa máquina do tempo.
Instantes

depois ele abriu os braços
e me recebeu num
esmagamento
que valeu por uma vida.

SERÁ QUE DÁ

pra um só abraço
regenerar a pele
do tempo,
cada pedaço
cascudo e calejado,
as partes secas
irritadas e
irritantes,

e tudo que sangra?

MEU PAI SE AFASTOU,

notou a presença do irmão,
cumprimentou o Tio Mark
com um firme aperto de mão,
depois o puxou
para um quase abraço

igualzinho ao
das fotos.

Nenhum barulho no
elevador exceto
pelas mãos
se encontrando
e o impacto mudo
dos tapinhas nas costas.

NÃO TENHO LEMBRANÇAS

do meu pai.

O Shawn sempre tentava me fazer
lembrar de coisas tipo

o papai vestindo a gente de Michael Jackson
no Halloween e, depois de pegar doces,
ficar subindo e descendo nesse elevador
com ele fazendo o melhor *moonwalk* possível
mas não tinha o espaço necessário
e acabava batendo nas paredes.

O Shawn jurava que eu dei
tanta risada que peidei,
deixei o elevador um fedor só
e até me mijei.

Eu só tinha três anos.
E não me lembro de nada disso.
Sempre quis lembrar,

mas não lembro.

Não lembro *mesmo*.

UM CORAÇÃO PARTIDO

matou o meu pai.
Foi isso que a minha mãe
sempre contou.

E quando era criança
eu sempre pensei
que o coração dele
tinha mesmo quebrado,
tipo um braço
ou um brinquedo

ou a gaveta do meio.

MAS NÃO ERA ISSO QUE O SHAWN CONTAVA.

O Shawn sempre contava
que o nosso pai foi morto
por ter matado o cara
que matou nosso tio.

Contava que ele tava num
orelhão, provavelmente
falando com a mãe,
quando um cara apareceu,

botou a arma na cabeça,
perguntou se ele conhecia
um cara chamado Gee.
Não sei o que ele disse.

Mas esse foi o fim
da história.

EU SEMPRE PERGUNTAVA

como o Shawn sabia disso.
Principalmente toda essa
coisa do Gee.

Ele dizia que
o Buck tinha contado.
Dizia que o Buck era
dono daquela esquina.

Foi nessa época que
o Buck começou a
proteger o Shawn, que
tinha só
sete anos.

O Buck tinha dezesseis.

Mas eu também
não me lembro
disso.

OI, WILL.

A voz do meu pai
era nova pra mim.

Grave.
Meio rouca
no final de cada frase.

Como eu achava
que a do Shawn
seria

um dia.

TÁ TUDO BEM?

Bizarro falar com meu pai
como se fosse um estranho
apesar de termos dado
um abraço de família.

De boa, sei lá,

eu disse,
sem saber o que falar.

Como você leva um papo com seu pai
se “papai” é uma palavra tão distante
que só de tentar pronunciar parece
que você cria mais dente
e uma segunda língua?

EU QUERIA DESABAFAR,

sair contando
do Shawn,
da minha mãe
chorando bebendo
e se coçando
até pegar no sono,
do que eu sentia,
das Regras,
tudo isso.

Queria
contar tudo mesmo
naquele elevador abafado,
mas me segurei
porque

o Buck,
a Dani e
o Tio Mark
estavam olhando
com umas caras
estranhas e emocionadas.

JÁ SEI DE TUDO,

meu pai disse,
respirando
fundo.

*Eu sei,
eu sei,
eu sei.*

Tristeza
e amor
no tom de voz.

Eu respondi,
dando um nó
no nó da garganta,

*Eu não sei,
eu não sei
eu não sei

o que fazer.*

ENXUGUEI O ROSTO

com as costas da mão,
os dedos cobrindo os olhos
pra barrar a água antes
que caísse.

Sem chorar.

Não na frente do meu pai.
Não na frente da Dani.
Não na frente de nenhuma
dessas pessoas.

Não na frente de ninguém.
Nunca.

O QUE VOCÊ ACHA QUE DEVE FAZER?

ele perguntou.

Seguir As Regras.

Eu disse,
como tinha dito
pra todo mundo.

Igual a você.

O PAPAI LANÇOU UM OLHAR

pro Tio Mark quando ele
perguntou se eu conhecia
a história do meu pai.

Claro,

eu disse.

*Ele morreu
num orelhão.*

O rosto se encheu
de preocupação.
Meu pai abriu
a boca pra falar
mas mudou
de ideia,
depois mudou
de ideia
de novo.

*Não é dessa história
que a gente tá falando.
O que você sabe é
como me mataram,*

o papai explicou.

Mas você não sabe...

Você não sabe nada...

09:08:35

QUANDO O MARK FOI BALEADO

*eu fiquei destruído. Mudado.
Nunca mais fui o mesmo.
Parecia que cacos do meu coração
tinham me cortado por dentro,
igual você ouviu da sua mãe.*

*Você e o Shawn eram crianças
e eu não consegui voltar pra casa
e continuar sendo pai e marido
se já não podia mais
ser irmão.*

*Depois do que aconteceu, não.
Não do jeito que aconteceu.*

*Mas eu não chorei. Não fui dedo-duro.
Sabia exatamente quem matou o Mark.
Sabia que podia ir atrás dele.*

As Regras.

*Aprendi com
o Mark.
Ele aprendeu
com o nosso pai.*

Aquela noite

*andei duas quadras e fui
aonde o Mark ficava,
onde aconteceu a merda.*

*E fiquei esperando
até a hora que um cara
saiu de um prédio,
foi até a esquina,
a esquina do Mark,
bateu um papelote
na mão de um cliente.*

*Rolou dinheiro
e eu soube que esse era o cara,
o cara que deu um tiro
no meu irmão no meio da rua.*

*Eu fiz o que precisava.
Capuz na cabeça,
arma na cintura,
e quando ele percebeu
eu já tinha apertado.*

PÁ! PÁ! PÁ!

*No terceiro
ele já tinha caído,
mas eu dei mais um
só porque tava irado.*

Tão irado.

*Parecia que tinha entrado
alguma coisa em mim.*

ESSA COISA

que o meu pai disse
que tinha entrado nele

deve ser
o que a minha mãe
chamava

de noite.

MEU PAI DISSE

que saiu correndo
tão rápido que o tênis
quase não tocava

o asfalto.

Disse que pegou
o caminho mais longo,
fez a pistola sumir
e o tiro virar silêncio.

QUANDO CHEGUEI EM CASA

*tomei um banho quente,
tão quente
que me arrancou
o couro,*

ele disse.

*Não consegui beijar sua mãe,
não consegui dar boa-noite
pra vocês dois.*

*Só fiquei lá pelado
naquela banheira suja
e só a porcelana fria
me salvava do sono*

do pesadelo.

MAS VOCÊ FEZ O QUE TINHA QUE FAZER

eu disse,
depois de ouvir
meu pai admitindo
o que eu já
sabia:

As Regras
são as regras.

O TIO MARK E O MEU PAI

me olharam com olhos vazios,
oscilando bem no meio da
culpa e da mágoa,
e eu sem entender nada
até meu pai contar

que ele tinha matado

o cara errado.

VOCÊ NÃO MATOU O GEE?

eu perguntei,
confuso.

Não, eu matei,

meu pai falou,
com a voz falhando.

*Mas o Gee não tinha matado o Mark.
O Gee era só um carinha novo
que queria ser fodão,
que queria fazer
uns amigos
uns trocos,
um lacaio
do cara que
matou o Mark,*

ele explicou.

*Mas
Mas por que
Mas por que você
atirou nele?*

Eu perguntei.

*Eu não sabia
que ele não era o cara.*

meu pai disse,
um tremor
na fala.

Tinha certeza de que era o assassino.

*Só
podia
ser.*

APOIEI

o corpo na parede,
perto da Dani, pensando
e olhando pro meu pai que
de meu pai não tinha nada.

Ao menos não como eu imaginava.
Um homem que se movia com precisão,
paciência, propósito,
não um bobão
que saía metendo bala
em gente à toa
à toa.

Passei a vida toda sentindo falta
de alguém que deu mancada.
Isso me deixou decepcionado.

Ele ficou ali parado
do outro lado do elevador
me encarando,
e eu não sabia o que
ele tava pensando.

Talvez que eu era mesmo como ele tinha imaginado.
Talvez isso o tenha deixado decepcionado.

PENSAMENTO ALEATÓRIO Nº 4

Tinha esse negócio que eu sempre
via as crianças no parquinho fazendo
com os pais.

A criança subia nos pés do pai

e o pai segurava o
filho pelos braços e andava
com a perna dura tipo zumbi.

O filho tinha que confiar que o pai
ia guiá-lo pelo caminho porque o pai
conseguia ver o que vinha pela frente

mas o filho,
agarrado ao pai,
se movia sem ver

e ao contrário.

09:08:37

DAÍ MEU PAI TOMOU A INICIATIVA.

Um passo pra frente.
Eu dei o seguinte.
Aí ele deu mais outro.
A gente se encontrou no meio.

De novo,

mergulhamos um no outro.
Dessa vez o abraço,
uma mistura de saudade
com não te conheço
com tô confuso
com vou chorar
com não sei que merda
eu vou fazer
ou pra que lugar eu vou.

A mão do meu pai
agarrou minhas costas
e eu fiz o que podia
pra me enterrar
nos braços dele,

pra me perder na sensibilidade
tão estranha e familiar

da paternidade.

E FOI AÍ QUE ACONTECEU.

Ele tirou a arma
da minha calça.

E colocou na minha cabeça.

EU PIREI.

Que isso?

eu disse,
em desespero.

Que porra é essa?

Olho no olho,
uma lágrima caiu
pelo rosto dele.

Só uma,
então não
conta.

Uma dor no peito
como se um peso
me espremesse
pelo pescoço
tipo patê.

Ele engatilhou a arma.
O barulho era de uma
porta se fechando.

EU GRITEI

socorro
mas não consegui
ver mais ninguém.

Nem o Tio Mark,
nem a Dani,
nem o Buck,
nem um pio
nem sentir
o cheiro
do tabaco virando alcatrão.

Parecia que então
éramos só nós dois,
eu e o meu pai,
ambos aparentemente
perdendo
a noção.

MEU PAI FICOU EM CIMA DE MIM,

a arma encostada
de um lado da cara.

Era a primeira vez que uma
estava apontada pra minha cabeça.
A primeira vez que cheguei
tão perto da morte. Do fim.

E nas mãos do meu
pai. Pá? Pá!

VOCÊ DEVE ACHAR

que eu tava pensando
se ele ia ou não partir
pra ação, já que ele
não era nem real.

Mas o carinho era real.
E o gatilho era real.

Não tinha bala fantasma
naquele pente.

Era bala de verdade.

Quinze no total.
Uma pra cada ano
da minha vida.

MINHA BARRIGA

tava doendo,
o mundo ruindo
bem lá no fundo,
e não demorou
muito pra eu sentir

que ia rachar ao
meio.

UMA COISA QUENTE

correu pela parte de baixo
do meu corpo,
ensopando
minhas pernas
e o tênis.

A fumaça de cigarro
atravessada de novo,
dessa vez pelo cheiro
do meu mijo.

09:08:40

DAÍ MEU PAI DESARMOU O GATILHO,

me envolveu com os braços
de novo,

apertou com força como
se eu fosse um boneco de pano,
devolveu

a arma para a
minha calça.

DEI UM GRITO,

empurrei ele pra longe,
berrei até a garganta virar
machucado,
e as minhas palavras,
chiado.

Minguado.
Molhado.
Com medo
de ser confundido
com um pobre coitado.

E meu pai
ficou ali encostado,
me encarando,
nariz empinado,
metido,
calado,

e eu explodindo.

E COMO NOS VELHOS TEMPOS

o Tio Mark
ficou do lado do meu pai
como um irmão faz,

pegou o cigarro a mais,
aquele que fica
atrás da orelha,

entregou para
o meu pai,
meio ofegante.

Me olhando firme,
ele botou o cigarro
na boca.

O Buck sacou a deixa.
Eu me encolhi
num canto,

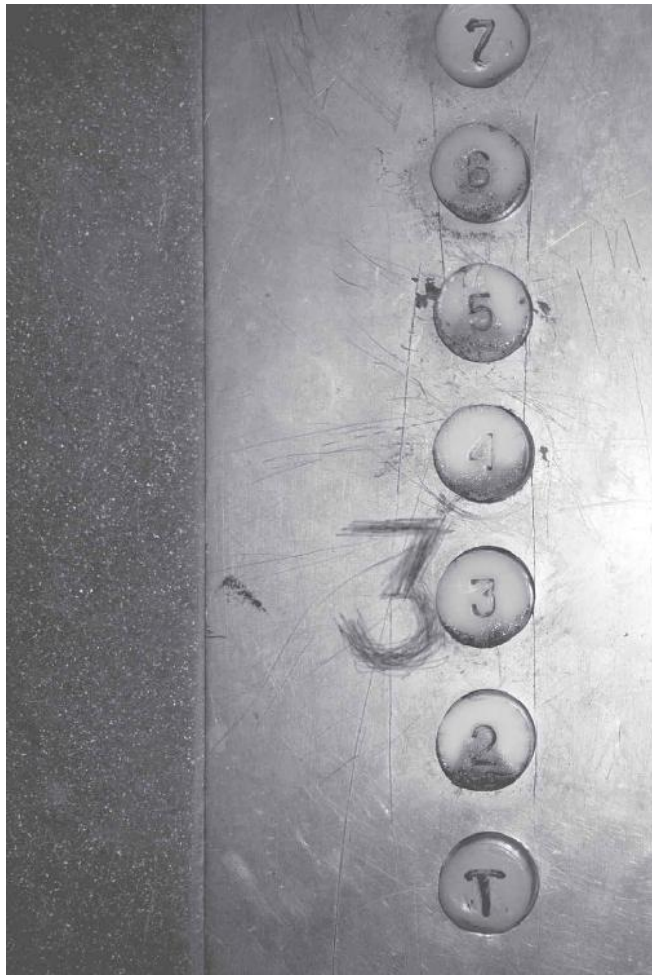
torcendo pra
esse elevador tosco
chegar no térreo,

pra toda essa bosta
passar mais rápido

e acabar logo.

O Buck riscou
um fósforo e o
elevador parou

de novo.



UM DESCONHECIDO,

gordinho,
pele clara,
quase branca,
daquela que
fica vermelha,
que faz bolha,
cabelo castanho-claro
encaracolado
na cabeça,

entrou no elevador
tipo um cara qualquer.

Não reconheceu
ninguém.

Nenhum morto.
Nenhum vivo.
Nenhuma fumaça.

Normal.

ENTÃO ACHEI

que ele era de verdade.

O que me
fazia ser de verdade

envergonhado
com o xixi

mas
de verdade

muito feliz
por não estar

totalmente perdido.

09:08:47

O BRANQUELO PARRUDO

ficou parado olhando
o próprio reflexo embaçado
na porta de metal

quando o Buck começou
a tentar chamar
a atenção.

Aí,

o Buck disse.

Psiu.

O cara nem se
mexeu.

Aí, cara,

o Buck chamou
pegando
o homem
pelo ombro.

O CARA SE VIROU.

Eu te conheço.

O Buck abriu aquele
sorrisão pontudo.

*Seu nome é
Frick, né?*

*Só pra quem
me conhece
bem,*

o cara disse, se
aproximando relutante
da mão do Buck.

Lembra de mim?

o Buck disse,
tipo um parente
distante chegando
pro almoço.

Buck,

ele disse,
mostrando de novo

as costas da camiseta.

Que merda.

Buck?

Cabeça erguida.

Buck?

Braços abertos.

Qual é a boa, cara?

De boa.

Não tem.

Nada.

ESSA É

*a Dani,
o Mark,
o Mikey
e*

*lembra do
Shawn?*

Esse é o irmão mais novo,

Will.

ANTES QUE O FRICK FALASSE

perguntei pro Buck
como eles tinham
se conhecido,

qual era a relação
comigo,

o que ele tava querendo
nesse elevador

horripilante.

09:08:50

DE ONDE CONHEÇO ELE?

o Buck falou zoando,
balançando a cabeça.

*Esse é o cara
que me matou.*

PERAÍ.

Peraí.

Peraí... peraí.

Como assim?

Como

assim?

Me explica como

assim.

Jura pelo meu irmão,

pelo nome do Shawn,

Sério?

Peraí...

Quê?

Pera, pera, pera.

...

Quê?

VOCÊ ENTENDEU.

Saca, o Frick...

o Buck fez uma pausa.

De onde veio esse apelido?

ele perguntou,
distráido.

gêmea,

Na verdade é Frank. Minha irmã

*Frances. Isso de Frick e Frack
foi ideia do meu tio.*

*Essas bobearas que os velhos
falam e pegam no bairro,*

o Frick deixou claro.

Nem me fale.

*Na verdade foi por
sua causa...*

O Buck parou de novo,
voltou a olhar pra mim.

*Por causa dele,
Will,*

*o único jeito
das pessoas do bairro
saberem meu nome de batismo
é lendo o que tá escrito
na porra do meu túmulo.*

O VERDADEIRO NOME DO BUCK

era James.

Eu só ouvi uma vez.

Buck é melhor
que James.

Buck quer dizer
fedelho.

Apelido dado pelo
padrasto fazendo piada

porque o Buck
não tinha pelo na cara.

Rostinho de criança,
nada que mostrasse

dureza.

O BUCK TINHA DOIS LADOS.

Dois pais,
o real e o padrasto.

O padrasto foi quem criou:
era pastor,
pastor mesmo,
não tinha medo de ninguém,
rezava pra qualquer um,
ajudava todo mundo.

O real foi a quem ele puxou:
assaltante de banco,
se pudesse passar a mão
roubava até o ar em volta.

TODO MUNDO DIZIA

que ele aprendeu a fazer o bem
mas que fazer o errado
corria no sangue também.

E tinha a tal da noite
que a mãe ficava falando.

A noite rouba de você
cada lição,

coloca uma arma na mão,
um ronco na barriga
e até os dentes a noite afia.

MAS ELE NEM SEMPRE FOI ASSIM.

No início o Buck era
um pivete sem importância,
só moedinha no bolso da calça.

A velha história de sempre
até o meu pai levar ferro
aquela noite no orelhão.

Aí ele virou um irmão mais velho
pro Shawn
e um ladrão pra um monte
de bairros de gente rica
sempre que o dia nascia
(ele sabia que não rolava
roubar gente daqui)

e voltava com
grana (muita)
tênis (os melhores)
e jóias (que ele sempre ostentava).

VOLTANDO AO FRICK.

Fiquei em choque
quando soube
que esse cara matou o Buck.

Pois é,

o Buck disse,
com a mão
no ombro do Frick,
todo parceiro.

Esse é o cara.

Ele me olhou
na cara.

*O Shawn nunca
te contou essa história?*

ELE NUNCA FALAVA DISSO,

eu disse.

*O Shawn só dizia
que você levou um tiro
e que ele sabia
quem tinha feito,*

eu expliquei,
lembrando daquela vez.
A cara dele parecia uma vela,
cera derretendo,
a chama apagando.

Lembro da polícia
batendo na nossa porta
fazendo perguntas,

dizendo que sabiam
que ele era próximo do James...

essa foi a única vez
que ouvi o nome do Buck...

e queriam saber
se ele sabia quem poderia

ter sido,

ter matado,
dois tiros
seguidos,

na barriga,
no meio da rua.

O SHAWN NÃO FALOU NADA

pra polícia,
pra quem fosse,

só se
trancou

no quarto
por horas

e no dia seguinte
peguei ele no flagra

sentado na
cama enfiando

balas numa
arma.

09:08:54

OLHA, VOU TE CONTAR,

o Buck disse.

*A gente tava de bobeira na quadra
bebendo qualquer bebida barata
e pesada logo antes de descer,*

o Buck disse.

*O Shawn me contou que tinha se
metido numa treta, nada muito
sério, com um dos caras dos
Filhos da Noite,*

o Buck disse.

*Disse que tinha que comprar pra mãe
um tal sabonete que ela usava e só
tinha pra vender na loja lá perto
de onde eles ficavam direto.*

QUE BURRICE

tinha sido falar
pro Buck quão importante
era aquele sabonete

que ele impedia a mãe de
coçar sem parar e virar
um mar de feridas.

Mas em vez disso
eu só disse

Riggs.

NÃO SEI DIREITO O NOME DELE,

o Buck disse.

Disse que o
Shawn disse
que estava
indo na loja
e esse tal de
chegou nele
e foi falando
merda.

Riggs

Disse que
não era nada
sério, não
parava de falar
um minuto
que era dos
Filhos da Noite
e que ali não
era lugar pro
Shawn.

Disse que
o Shawn tava
meio nervoso

todo esquisito
explicando pro
Buck que tinha
crescido junto
com esse pivete
e que de repente
ele ficou metido.

Riggs

O Buck disse que
falou pro Shawn
deixar quieto,
mas não dava,
porque ele era
assim mesmo.

Todo sensível,
o tempo todo,
o Buck disse.

ELE FOI FALANDO DO CARA,

*e eu fui tentando mostrar uma corrente
que tinha acabado de pegar de um pivete
da área. Nem precisei roubar nem nada.
Só dei uma rosnada e pedi,
e o babaca simplesmente tirou
na hora e me entregou.
Não roubei, nem nada,*

*o Buck disse,
relembrando aquele dia
como se ainda
não acreditasse.*

*Mas o que isso tem a ver
com o meu irmão e esse cara?*

*eu disse,
apontando pro Frick.*

*Espera.
Tô chegando lá.*

JÁ QUE O SHAWN

*tava todo paranoico com o cara,
dei pra ele a corrente dourada,*

*o Buck disse,
cheio de si.*

Um presente.

O primeiro dele.

Aí o Shawn saiu

da quadra de basquete.

E foi aí que eu cheguei,

*Frick se meteu,
um sorriso largo
no rosto, como se
tivesse acabado
de ganhar algum
tipo de prêmio.*

COMO ENTRAR PROS FILHOS DA NOITE

1. ÁREA:

a nove ruas de onde eu moro.

2. A MARCA:

uma queimadura de cigarro embaixo do olho direito.

3. ATO OBSCURO:

roubar alguém,
espancar alguém

ou o pior de todos,
matar alguém.

Obs.: Parece que também tem que ser brega.

ME PASSARAM

*meu Ato Obscuro
para ser iniciado,*

explicou o Frick.

E era matar o Buck?

Não,

ele disse.

*Engraçado que
no começo a ideia era só
roubar o Buck.*

Eu não tinha achado
nem um pouco engraçado.

*Não era novidade
que o Buck só ostentava,
só se mostrava. Mas não
rolava de ninguém ir atrás
por causa dos pais. Os dois.*

O real e o falso.

GÂNGSTERES

sempre respeitam

os mais velhos

(gângsteres)

originais

(GOs)

e os pastores

que agem tipo

gângsteres.

O FRICK DISSE QUE

o plano era passar
a mão no ladrão.

Disse que soube que
o Buck ia pra quadra,

então ele foi lá e
chegou com tudo

e virou piada.

O BUCK DISSE

que não rolava ser enrolado
por um cara que tava na cara
que era tão frouxo
quanto aquele babaca
que ele tinha roubado.

Todo mundo no elevador
morreu de rir.

Menos eu.

09:08:58

TANTO FAZ, CARA,

o Frick disse.

*Só tava tentando
fazer minha parte.*

Ninguém pode me julgar.

Ele se virou de novo,
olhou bem no olho
do meu pai e do Tio Mark.
Eles concordaram.

Aqui não tem julgamento,

o Tio Mark disse,
lançando as mãos pro alto.

*Enfim, esse maluco,
o Buck, veio pra cima.
Tentou me derrubar
mesmo vendo a minha arma!*

O Frick olhou
para o Buck, balançou
a cabeça, depois voltou
os olhos pra mim.

Fiquei com medo.

*Aí puxei
o gatilho.*

O BUCK ESCONDEU

o mindinho e o anelar
na palma da mão
e fez uma
arma com
os dedos.

Bang

bang.

DE NOVO

*O que isso tem a ver
com o Shawn?*

eu perguntei.

O Shawn seguiu As Regras.

o Frick respondeu.

E daí?

Eu engoli em seco.

E daí ele... ele...

Não era fácil
botar pra fora.

Agora o Buck
pôs a arma de dedos
no peito do Frick
e ficou repetindo

Bang bang.

NA VERDADE

*ele apertou o
gatilho só uma vez,
então foi meio que
Bang,*

o Frick corrigiu.

Quinze
balas.

ME TIRARAM DO JOGO

*e nem tinha chegado a hora
de ganhar minha Marca,*

o Frick disse.

Botou a mão embaixo
do olho direito
como se esse fato
ainda parecesse
um erro.

O FRICK ABRIU A CAMISA.

Tá vendo?

ele perguntou,
revelando um buraco
no meio do peito,
tipo uma moeda,
medonha,
sangrenta,
mas que não
sangrava.

*As digitais
do seu irmão estão
aí em algum lugar.*

O Buck riu alto
e deu uma resposta
antes que eu
tivesse a chance.

*E aposto
que é
o dedo do meio!*

QUANDO A PIADA ACABOU

perguntei como o Shawn
tinha certeza que o Frick
era o cara que matou o Buck.

O Buck disse que só dava
uma pessoa na quadra
de basquete à noite,
sempre ali
sem sair,

um moleque novo
andando pra lá e pra cá,
tentando pular.
Não atirar.

Disse que achava
que eu conhecia o cara.

Tony.

E ele não tava tentando pular.
Tava tentando

voar.

09:09:03

DEIXA EU TE PERGUNTAR UMA COISA,

*como você sabe
que esse tal de Riggs pegou seu irmão?*

O Buck deu o troco.

*Porque é óbvio que ele se vingou
do Shawn por ter derrubado esse cara,*

apontei
para o Frick.

*Frick, conhece
esse tal de Riggs?*

A Dani perguntou
do nada,
sua voz
vagando por cima
do meu ombro.

Cara pequeno.

Boca grande.

Filho da Noite.

Achei que
a descrição
seria útil.

Frick olhou pra mim,
sem entender nada.

Quem?

ANAGRAMA Nº 5

Queria saber
um anagrama

para FALSO.

O FRICK ME OLHOU

como se eu fosse doido,
deu de ombros,
aí virou de costas
e encarou a porta.

Não dava pra ver
o reflexo dele.

Não dava pra ver
o reflexo de
nenhum deles.

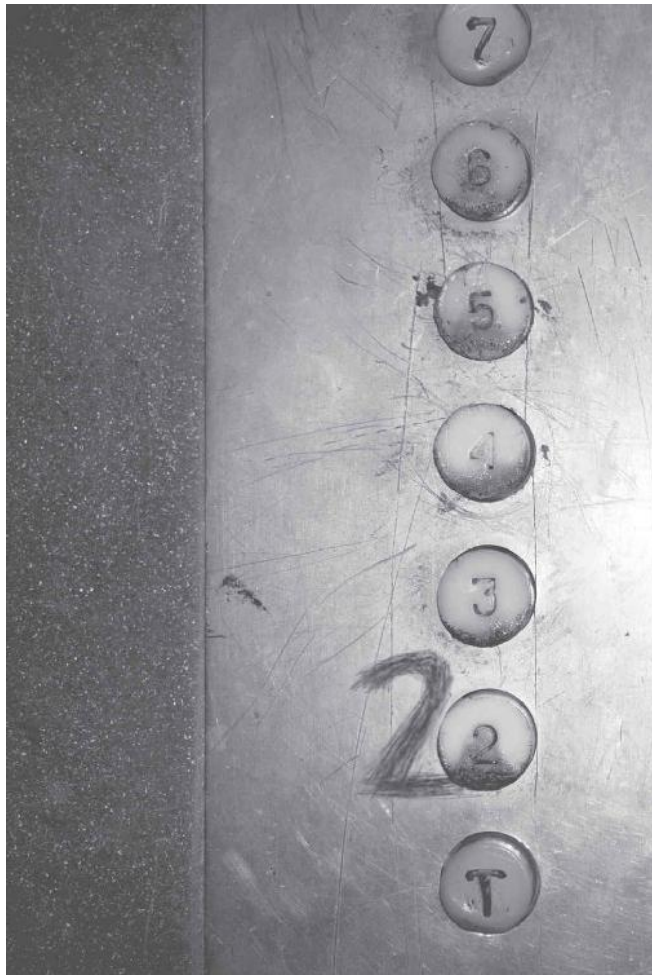
Só o meu,
embaçado.

O FRICK ANDAVA

com seus próprios cigarros
e
com seus próprios fósforos.

Finalmente
finalmente
finalmente

o elevador parou de novo.



QUANDO A PORTA SE ABRIU

não tinha ninguém ali.
Então estendi a mão e apertei
o botão T
mais uma vez e mais uma
vez e mais uma vez.

Porque é isso que você faz
quando quer que a porta
feche mais rápido.

Mais uma daquelas
regras do elevador.

VAI LOGO,

eu bufei,
falando baixo,

impaciente,
puto,
emputecido,
assustado,
machucado
e totalmente
desconfortável por
ficar esmagado nessa
caixa
de ferro
de merda,

nesse caixão vertical,
por mais um segundo.

O TIO MARK DEU UMA RISADINHA.

*Você nunca ia sobreviver
na cadeia, sobrinho.*

FINALMENTE

a porta do elevador
começou a se fechar.

Soltei o ar,
feliz por estarmos
quase lá.

Só mais um andar.

E logo antes
de fechar,
antes da porta
travar,
vieram quatro dedos,
e quase não deu tempo.

A porta do elevador
começou a se abrir
de novo.

09:09:07

ELE.

Shawn.

Entrou na caixa esfumaçada
usando aquela roupa exata
da noite anterior:

calça jeans,
camiseta,
corrente dourada.

Mas não era a roupa viva.
Era a morta.

Aquela que já vinha
manchada de sangue.

TODO MUNDO

ficou tão feliz
em vê-lo.

Shawn!

O Buck deu um grito,
chegando mais
perto.

Bateram as mãos.
O Buck brincou com
a corrente dourada
no pescoço do Shawn.
Jogou a frente
pra trás.

O Shawn olhou pra Dani.

Olha só você!

ele disse,
pegando sua mão,
fazendo uma voltinha.

O Tio Mark
deu um tapinha
na costela.

Homão!

ele disse,
orgulhoso.

O Shawn se virou,
lhe deu um abraço,
viu nosso pai
de rabo de olho.

Papai!

ele disse,
espontâneo,
o rosto
brilhando.

Nosso pai
envolveu o Shawn
com os braços,
criando um casulo.

Depois se afastou
e os dois deram as mãos,
como homens,

como parceiros.

TODOS

os nem-vivos/nem-mortos
ali enfileirados na parede
fumando cigarro,
sorrindo,

e o Shawn
enfim

enfim

olhou
pra mim.

QUANDO A GENTE ERA PEQUENO

eu seguia o Shawn
pelo apartamento
fazendo um barulho
estranho com a boca.

Difícil explicar o som.
Não era, mas parecia um arroteo.

Tipo um arroteo misturado
com um bocejo misturado
com um gemido.

Alguma coisa do tipo.

E ficava uns vinte minutos.
Do quarto
pra cozinha
pra sala
e de volta pro quarto.

Como castigo,
ele me deixava terminar,
até ficar sem ar,
deixar pra lá,
cansar

de ser tão imaturo.

E aí,
pra minha surpresa,
ele não me dirigia a palavra
pelo resto
do dia.

OLHEI PRO SHAWN.

Ele olhou pra mim.

Shawn,

eu disse.

Mas ele não
disse nada.

Eu repeti,

Shawn?

Nada.

CHEGUEI MAIS PERTO,

dei um abraço.

Ele não abraçou de volta.

Só ficou ali parado,
travado,

tipo a gaveta do meio
se fosse um cara.

PERGUNTEI

por que ele não falava nada,
por que me ignorava,

mas, mesmo assim,
nada,
nem uma palavra,

nem um sorriso.

FALEI PRA ELE

sobre a
gaveta,
a arma,

que tinha feito
o que ele tinha me dito,
o que o Buck tinha dito pra ele,
o que o nosso avô tinha dito
pro nosso tio, o que o nosso tio
tinha dito pro nosso pai.

Segui As Regras.
Ao menos duas.

Não tinha chorado.
Não tinha dedurado.

EXPLIQUEI

que estava prestes
a dar um jeito no assassino,

cumprir de vez
a Regra Número Três.

Falei que sabia que era o Riggs.
Falei que achava que era o Riggs,
aí falei que sabia que era o Riggs
mais uma vez.

CONFESSEI

que tava com medo,
que tinha que ter um jeito
de saber que ia fazer
a coisa certa.

EU TAVA SURTANDO.

As lágrimas iam chegando
e eu fazia o possível
pra tentar segurar.

Tirei os olhos do Shawn,
tentando enfrentar o choro,
sentindo mas sem olhar.

Mas em todos os lugares
havia aqueles outros olhares,
e cada cigarro com um brilho,

tipo um monte
de botões T.

09:09:08

OLHEI PRO SHAWN DE NOVO,

e agora ele tinha lágrimas no olho
e o nariz escorria e ele soluçava
de leve tipo uma criança,

lágrimas caindo do olho
lágrimas caindo do olho
lágrimas caindo do olho.

*Pensei que não
podia chorar,
Shawn.*

Eu disse,
a voz falhando,
uma das lágrimas
enfim
livre.

Mas só uma
não contava.

Sem chorar.

Sem chorar.
Sem chorar.
Sem chorar.

E APESAR DE

seu rosto estar molhado
com as lágrimas que ele não
tinha permissão pra chorar
enquanto estava vivo,

eu não via
nada menos
que meu irmão,

o melhor do mundo,
o único.

E TINHA UM BARULHO

de seja lá o que faz
um elevador funcionar,

cabos e cordas
ou sei lá,

rangendo,
esfregando metal com metal

tipo uma máquina que gemia
mas vinha

da boca
da barriga

do Shawn.
Ele nunca falou nada a respeito.

Só fez aquele barulho
difuso e doloroso,

e de repente o
elevador parou de novo.

PENSAMENTO ALEATÓRIO Nº 5

O som que você ouve
dentro da cabeça,

aquele que chamam
de zumbido,

lembra menos um sino
e mais uma linha sem sinal.

TEVE UM MOMENTO

antes que a porta se abrisse
que só ficamos todos ali em pé
enjoados
na fumaça espessa,

apertados

nessa cela
nesse caixão
nesse elevador

em silêncio.

OLHEI EM VOLTA

e só vi o brilho alaranjado

de cinco cigarros perfurando
a folha de fumaça
tipo faróis em uma
forte névoa.

Só cinco cigarros.

O Shawn não quis
e ficou invisível
na nuvem.

E eu senti que
o cigarro que devia ser dele
queimava na
minha barriga,

me enchendo de
um fogo que ardia.

09:09:09

QUERO VAZAR.

A porta se abriu devagar,
a nuvem de fumaça
saiu voando de dentro do elevador,
saiu voando de dentro de mim
como uma onda de fúria.

Recuperei o fôlego e

o Buck,
a Dani,
o Tio Mark,
o papai,
o Frick
e
o Shawn

foram atrás.

O botão T
agora apagado.

Fiquei sozinho
na caixa vazia,
a cara tensa de
lágrimas secas,
a calça úmida,
a arma carregada

ainda guardada
na cintura.

O Shawn
ficou de frente pra mim,
olhos embotados de morte
mas brilhantes de lágrima,

e finalmente falou
comigo.

Só duas palavras,
tipo uma piada
bem guardada.

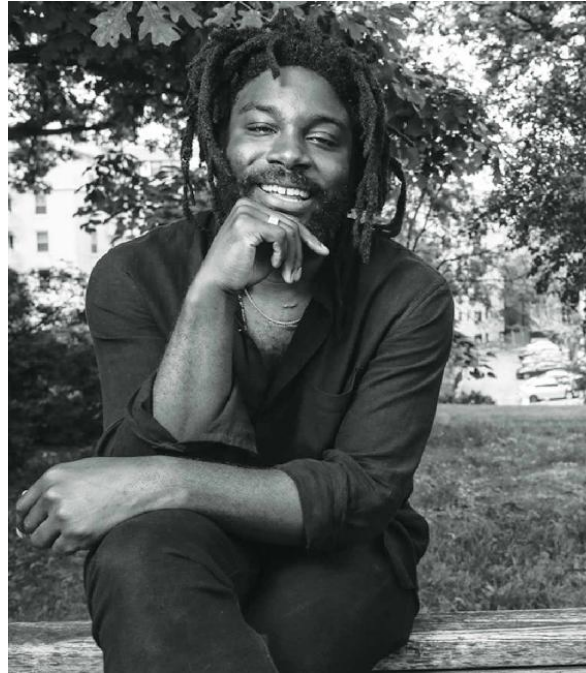
VOCÊ VEM?



Agradecimentos

Agradeço em especial à minha agente, Elena Giovinazzo, que foi a primeira pessoa a ver o texto e quem sugeriu que fosse escrito em versos; e à minha editora, Caitlyn Dlouhy, que acolheu meu texto e me ajudou a transformá-lo no que é hoje. A convicção inabalável que vocês duas me mostraram é simplesmente extraordinária. Obrigado. À minha família, mas, no caso deste livro, principalmente aos meus amigos, que estiveram ao meu lado em situações precárias, nas quais nossa humanidade se azeda e nossa ética é testada. Eu não poderia ter escrito este livro se não fosse a infância que tivemos. Aos jovens, homens e mulheres, que vivem hoje em instituições correcionais: suas histórias e seus depoimentos fazem diferença. Suas vidas muitas vezes são sacrificadas pelos erros de pessoas que têm o dobro da sua idade. Mas vocês vão conseguir. Vocês vão conseguir. E também aos poetas. Sem a poesia, especialmente quando eu era mais novo, ser escritor teria parecido uma futilidade. Os poetas me ensinaram a função e o poder da linguagem. E, por fim, ao meu querido amigo Randell Duncan. Sentimos saudades. Fique em paz, irmão.

Sobre o autor



© 2017 by Jati Lindsay

JASON REYNOLDS É LOUCO. POR HISTÓRIAS.

E também está cansado.

De ver tantos jovens cansados
de se sentirem invisíveis.

Então escreveu livros (muitos livros)
e até ganhou prêmios importantes,
mas nenhum deles é mais marcante
do que quando um jovem lhe conta
que não se sente mais invisível.

Nos momentos em que isso acontece,
Jason fica cada vez menos cansado.

De todo jeito, ele continuará sendo louco.
Por histórias.
Pelas pessoas.

Conheça outro título do autor



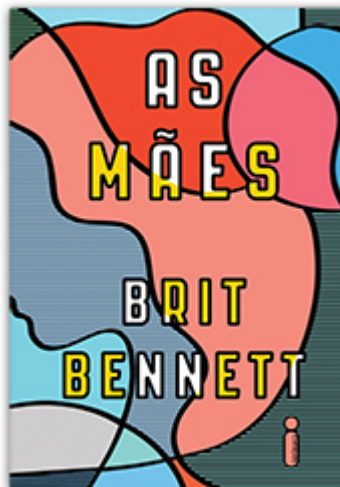
Fantasma

Leia também



O construtor de pontes

Markus Zusak



As mães

Brit Bennett



Ruby
Cynthia Bond



Breve histórias de sete assassinatos
Marlon James